Faculdade de Letras da Universidade do Porto



19 e 20 de novembro 2026

livro de resumos/ book of abstracts

jornadas femqueer IV

ILCML | INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA MARGARIDA LOSA
fct Fundação para a Ciência e a Tecnologia
U.PORTO FLUP FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DO PORTO
FLAD FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA PARA O DESENVOLVIMENTO
AMERICAN CORNERS PORTUGAL
Livraria aberta
I Cátedra Internacional José Saramago Universidade de Vigo
BiFeGa: Grupo de Investigación en Estudos Literarios e Culturais, Tradución e Interpretación
XUNTA DE GALICIA
Fondos Europeos

Comissão Científica:
Ana Bessa Carvalho (Univ. Minho)
Ánxela Lema París (BIFEGA – Univ. Vigo)
Burghard Baltrusch (BIFEGA / CJS – Univ. Vigo)
Catharina Edfeldt (Univ. Estocolmo)
Diogo Marques (ILCML, CODA – Univ. Porto)
Elena Losada (Univ. Barcelona)
Helder Thiago Maia (CECOMP – Univ. Lisboa)
Inês Lima (Univ. Edimburgo)
Joana Caetano (CETAPS – Univ. Porto)
Livia Apa (ILCML)
Paulo Cézar García (Univ. Estado da Bahia)
Peter Haysom-Rodríguez (Univ. Leeds)
Tatiana Pequeno (Univ. Federal do Rio de Janeiro)

Comissão Organizadora:
Ana Margarida Martins (ILCML/Univ. Porto, Univ. Exeter)
Ana Rita Cunha (ILCML/Univ. Porto)
Inês Cardoso (ILCML/Univ. Porto)
Mafalda Pereira (ILCML/Univ. Porto, BIFEGA/Univ. Vigo)
Marinela Freitas (ILCML/Univ. Porto)

Apoio à organização:
Lurdes Gonçalves
Carlota Nery
Francisco Aguiar
João Reis
Lara Costa

Ilustração dos materiais de divulgação:
Vera Matias

Design:
Madalena Veloso

Moradas:
Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Via Panorâmica, s/n, 4150–564, Porto
Livraria aberta - Rua do Paraíso 297 299, 4000–378 Porto

Conferência Plenária | Plenary Lecture

"O divórcio de Virgínia de Castro e Almeida como fonte para a historiografia feminista e LGBTQ+ em Portugal"

Anna M. Klobucka (Univ. Massachusetts Dartmouth)

A conferência recupera o processo de divórcio da escritora Virgínia de Castro e Almeida que teve início dois anos e meio depois da implementação da Lei do Divórcio pela I República, arrastando-se até 1917 e produzindo um registo documental de mais de mil páginas. A análise do processo foca em particular dois tópicos de interesse para a construção feminista e queer de uma história de género e sexualidade no Portugal modernista. Em primeiro lugar, considero a mobilização dos discursos e conceitos científicos acerca das sexualidades normativas e não normativas que se manifestou no contexto da ação de divórcio; em segundo, analiso o diagnóstico de doença mental (nomeadamente de histeria) dirigido contra a autora do processo com o fim de minar a sua credibilidade e mantê-la afastada da sua filha menor.

Anna M. Klobucka é professora catedrática emérita de Estudos Luso-Afro-Brasileiros e Estudos Feministas na Universidade de Massachusetts Dartmouth (EUA), onde ensinou principalmente literatura portuguesa e literaturas africanas em língua portuguesa. É autora de ***Mariana Alcoforado: Formação de um Mito Cultural*** (IN-CM, 2006; ed. original Bucknell University Press, 2000), ***O Formato Mulher: A Emergência da Autoria Feminina na Poesia Portuguesa*** (Angelus Novus, 2009) e ***O Mundo Gay de António Botto*** (Documenta, 2018). Co-organizou os volumes ***After the Revolution: Twenty Years of Portuguese Literature 1974–1994*** (Bucknell University Press, 1997), ***O Corpo em Pessoa: Corporalidade, Género, Sexualidade*** (Assírio & Alvim, 2010, ed. original University of Toronto Press, 2007) e ***Gender, Empire and Postcolony: Luso-Afro-Brazilian Intersections*** (Palgrave Macmillan, 2014). Tem em preparação um projeto de livro provisoriamente intitulado ***Among Women: Cultural Agency, Sociability, and Sexuality on the Margins of Portuguese Modernism***, que consiste em historiar os protagonismos femininos e as redes de sociabilidade e colaboração entre as intelectuais e criadoras da época, nas quais estes protagonismos se inseriam – e que os potenciavam –, mapeando uma formação sociocultural que se manifesta em paralelo, e por vezes em confronto, com os coletivos masculinos do modernismo canónico.

Projeto | Community Engagement Project

Vilarejo Clube de Leitura nas Prisões Femininas Portuguesas Conversa com Sara Duarte Brandão

Propõe-se uma reflexão sobre o projeto Vilarejo, um clube de leitura desenvolvido em prisões femininas portuguesas, explorando o papel da literatura como espaço de encontro, diálogo e transformação. Nesta sessão, uma das voluntárias do projeto, Sara Duarte Brandão, abordará a origem e os objetivos da iniciativa, as suas metodologias de trabalho e os desafios específicos de promover práticas de leitura em contexto prisional. Serão igualmente discutidos os impactos do projeto na criação de comunidades de leitura e na construção de formas alternativas de pertença e sociabilidade dentro da prisão. A partir da experiência concreta do Vilarejo Clube de Leitura, a sessão procurará pensar o potencial da leitura enquanto prática cultural, educativa e afetiva em contextos de privação de liberdade.

Sara Duarte Brandão nasceu no Porto em 1997, com um pé na Beira Baixa e outro em Arouca, onde teve a sorte de ter avós. Licenciada em Design de Comunicação e Mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes, é Facilitadora em Criação Artística Comunitária e doutoranda em Ciências da Educação com uma bolsa da FCT. Cofundou a Truz Truz Editora (2020), onde é designer e autora. Escreveu vários livros, entre os quais o romance ***Quem Tem Medo dos Santos da Casa***, Publicações Dom Quixote (2025), e o livro de poesia ***Descolonizar o sujeito poético***, Editora Urutau (2023). Galardoada com vários prémios literários, integra projetos que cruzam várias áreas artísticas como o teatro, as artes plásticas e a literatura. Faz tricô e prefere embalar males a cantar em vez de os espantar. Escreve por amor e teimosia e já não sabe distinguir acordos ortográficos.

Painel 1 — Questões Afroqueer

Ser Queer e Crioula: Tchinda Andrade e as Kuirolas de Cabo Verde
Luísa Semedo (Univ. Sorbonne Nouvelle)

Em 1998, Tchinda Andrade (1979–2024), após uma presença memorável no Carnaval do Mindelo, foi notícia de capa do mais importante semanário da cidade, A Semana. Era a primeira vez que uma mulher trans cabo-verdiana aparecia nos media mainstream, na primeira página, com direito a uma longa entrevista conduzida pelo jornalista Kimzé Brito. O impacto foi tal que tchinda tornou-se num nome comum, atribuído de forma mais ou menos positiva a todas as pessoas que não se enquadram nas normas de género e de sexualidade. Na investigação em torno de questões AfroQueer, uma das dificuldades consiste em encontrar o vocabulário adequado às realidades geográficas, culturais, históricas e individuais, sem transpor de forma acrítica conceitos anglo-saxónicos ou europeus. As próprias pessoas queer em Cabo Verde ora são influenciadas por esses conceitos, ora recorrem a outros; mas, na sua maioria, mesmo adotando categorias externas, recusam que estas se cristalizem em identidades fixas. Nesta comunicação, a partir do exemplo da Tchinda Andrade e das kuirolas de Cabo Verde, pretendo dar visibilidade a estas ambivalências e propor e desenvolver o conceito de kuirola, que pensa a interseccionalidade entre ser queer e ser crioula e o modo como essa dupla condição molda a autodefinição das pessoas queer em Cabo Verde. Ser crioula é, estruturalmente, ter uma identidade que escapa ao binarismo entre negro e branco e a qualquer ideia de pureza racial. Pensar o ser kuirola adiciona a camada de género e de sexualidade que é muitas vezes fluída em Cabo Verde. Por fim, e em diálogo com a crioulização de Édouard Glissant, proponho a noção de queerolização, adaptada à realidade cabo-verdiana e, de forma mais ampla, caribenha e transnacional, assumindo também os seus limites.

Luísa Semedo é investigadora, escritora e ativista AfroQueer. É doutorada em Filosofia (especialidade ética e política) pela Universidade Paris-Sorbonne e investigadora associada no CREPAL – Centro de Investigação sobre os Países Lusófonos, da Université Sorbonne Nouvelle. A sua investigação centra-se atualmente nas questões AfroQueer, particularmente nos contextos afro-luso-brasileiros, colaborando também com o Quir Research Hub da Universidade de Lisboa. Lecionou Criação e Gestão de Associações e ONG's na Universidade Clermont-Auvergne, bem como Filosofia no ensino secundário. Publicou contos, poesia e o romance ***O Canto da Moreia*** (Coolbooks, Porto Editora, 2019), tendo também contribuído para várias obras coletivas, entre as quais ***Boubaker Adjali l'Africain*** (éditions Otium, 2022). Dirigiu várias associações, entre as quais a Coordenação das Coletividades Portuguesas em França (CCPF), e exerceu funções de conselheira e de presidente do Conselho Regional da Europa do Conselho das Comunidades Portuguesas (CCP). É cronista de opinião no jornal Público.

Vidas forçadas, subjetividades negadas: Trifonia Melibea Obono e o ativismo queer na Guiné-Equatorial

Ana Aires e Castro (CHAM - NOVA FCSH)

Trifonia Melibea Obono é talvez a figura mais destacada do ativismo queer na Guiné-Equatorial, um dos muitos países africanos com um quadro de repressão e violência graves sobre a comunidade LGBTQIA+. Não obstante a perseguição e exclusão que vivem no seu dia-a-dia, a comunidade queer ecuatoguineana não está sujeita a um quadro legal que pune diretamente os indivíduos em função da sua orientação sexual, ou seja, as suas práticas não constituem, para todos os efeitos, um crime. Por outro lado, não existem quaisquer leis antidiscriminação e o casamento entre pessoas do mesmo sexo não é reconhecido no país. Obono tem vindo a militar convictamente em prol dos direitos humanos das pessoas queer entre a vertente literária e académica. Nesta comunicação, pretendo traçar algumas reflexões sobre o clima de terror que as mulheres queer, em particular, vivem neste estado africano, assim como endereçar a teia contraditória legal que limita as suas liberdades. A recolha de testemunhos em primeira pessoa, na obra *Yo no quería ser madre: Vidas forzadas de mujeres fuera de la norma* (Obono 2019), permitirá compreender as estratégias de que estas mulheres se servem para assegurar a sua sobrevivência diária, num contexto que se esforça por anular por completo as suas subjetividades. Os trinta testemunhos que Obono reune nesta obra mostram de forma cabal como se intersecionam diferentes camadas de discriminação e violência sobre estes corpos, o que ilustra a forte misoginia e a visceral homofobia que pautam a sociedade ecuatoguineana contemporânea. A autora, que foi a primeira do seu país a ver uma sua obra traduzida para inglês (Obono 2019), serve-se também da ficção para sublinhar este quadro de violência e exclusão, ao mesmo tempo que imagina, principalmente em *La Bastarda* (Obono 2018), possibilidades de resistência queer ancoradas na sororidade e no afeto.

Ana Aires e Castro é doutoranda em Literaturas e Culturas Modernas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e investigadora integrada não doutorada no CHAM – Centro de Humanidades. É ainda bolseira da Fundação para a Ciência e Tecnologia (2026.03870.BD). Concluiu o mestrado em Literaturas, Artes e Culturas Modernas (2025) e a licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas (2022), ambos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Entre junho de 2023 e dezembro de 2024 foi bolseira do projeto "WomenLit – Literatura de Mulheres: Memórias, Periferias e Resistências no Atlântico Luso-Afro-Brasileiro" (PTDC/LLT-LES/0858/2021).

Economia da memória da Outra? Resistir à fetichização racial

Maria Leonor Figueiredo (ILCML - Univ. Porto)

O espaço público tem sido cada vez mais permeado por um discurso de reconhecimento da violência histórica do colonialismo. O debate das reparações históricas é um exemplo, e a sua polarização deve-se em parte ao facto de o debate ser muito dominado por uma política dos afetos: seja no orgulho nacional dos novos populismos, seja na culpa de quem se identifica como cúmplice da colonização, desculpando-se enquanto convoca o trauma da Outra. A atração acrítica pelo sofrimento alheio cristaliza o trauma como ferramenta de legitimação e poder simbólico. Proponho uma análise crítica à forma como uma crescente atenção dada ao trauma colonial (bem como trauma sexual) em resposta à sua negação ou esquecimento, quando mediada por uma culpa branca, pode levar a processos de fetichização da diferença e de cristalização de identidades. Este fenómeno começa a ter impactos também no campo da arte e da literatura, nomeadamente na imposição de critérios biográficos que podem acabar a reforçar o essencialismo e a colocar em causa a ficção. Sabemos que a posição social pode influenciar a criação artística, mas isso é diferente de esperar que essa posição determine o conteúdo da obra. Devemos refletir sobre se esta lógica pode produzir uma fórmula subtil de essencialização Negro=Vítima, Mulher=Vítima, reforçando a ideia de que a experiência negra (ou feminina, ou trans, etc) possui um conteúdo próprio e estável, que deve ser expresso da forma que se espera. Cruzando estudos da cultura, estudos da memória e análise de obras de Djaimilia Pereira de Almeida, Kalaf Epalanga e Grada Kilomba, esta reflexão procura uma abordagem interpretativa e comparativa à culpa branca enquanto forma de memória cultural indireta, explorando as suas implicações para a produção artística e para a gestão do trauma no debate público.

Maria Leonor Figueiredo é doutoranda em Estudos Literários, Culturais e Interartes, com uma investigação intitulada "Além da Luta de Claques: a arte na era da autenticidade identitária". É licenciada em Estudos Portugueses e Lusófonos (2012, FLUP) e mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes (2014, FLUP) e em Práticas Artísticas Contemporâneas (2017, FBAUP). Investiga de forma interdisciplinar, cruzando os estudos literários e artísticos, os estudos críticos, a sociologia da cultura e a análise dos debates contemporâneos de estética e política. É autora do livro ***Calma é apenas um pouco tarde: resistência na poesia portuguesa contemporânea*** (2015, Deriva Editores).

A ecopoética queer de Conceição Lima

Inês Lima (Univ. of Edimburgo)

Esta comunicação analisa a ecopoética queer de Conceição Lima e tem o objetivo de contribuir para um estudo mais alargado sobre o modo como autores Luso-Afro-Brasileiros investem o oceano de significado no contexto de discursos contra-hegemónicos. A análise do trabalho da poeta santomense parte, do ponto de vista crítico, do conceito de hidropoética negra" que Joshua Bennet aplica a alguma escrita afro-americana. Juntamente com o conceito de Atlântico Negro de Paul Gilroy, dos cronótipos do mar de Margaret Cohen e da filosofia vegetal de Luce Irigaray, examina-se como a ecopoética queer de Lima se volta para as profundezas do oceano para expressar formas alternativas de pertença com seres oceânicos animados e inanimados. Tais configurações questionam os limites entre o humano e não-humano, género, raça e nacionalidade.

Inês Lima é Professora Auxiliar de Estudos Lusófonos na Universidade de Edimburgo, onde dirige a Secção de Estudos Espanhóis, Portugueses e Latino-Americanos. Anteriormente, foi Professora Auxiliar de Português na Universidade Estadual da Califórnia, Fresno, tendo completado o doutoramento em Estudos e Teoria Luso-Afro-Brasileiros pela Universidade de Massachusetts, Dartmouth. O seu percurso académico passou ainda pela Universidade Paris 3 - Sorbonne Nouvelle (mestrado) e pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (BA em Línguas e Literaturas Modernas - Português e Inglês). A sua investigação centra-se no estudo da poesia contemporânea numa perspetiva ecocrítica e queer. Os seus interesses de investigação incluem também o pós-colonialismo, a migração e a intertextualidade na poesia e ficção luso-afro-brasileiras.

Painel 2 — Bodies and Algorithms

Generative Bodies: Algorithmic Normativity and Representations of the Female Body in Advertising

Luiza Fontes Martins (CEFET-MG) & Diogo Marques (ILCML / CODA - Univ. Porto)

The rise of generative artificial intelligence platforms in the contemporary advertising creative process reconfigures the commercial use of stereotyped representations of the female body. Algorithms probabilistically reproduce and amplify patterns present in the data and categories that structure generative models, intensifying sexist, racist, and Eurocentric biases and hegemonic standards of beauty and representation. This amplification of historically sedimented biases shows how algorithms can operate as normative systems. The theoretical considerations of Judith Butler, in ***Bodies That Matter***, on the normative and discursive production of bodies; of Naomi Wolf, in ***The Beauty Myth***, on the construction and circulation of beauty standards; and of Safiya Noble, in ***Algorithms of Oppression***, on the reproduction of inequalities and biases by algorithmic systems, underpin the two case studies presented. The first is that of the digital influencer Aitana López, created from images generated by generative AI. Despite the hyperrealistic images, Aitana can be understood as a synthetic visual body constructed from commercially valued norms of femininity, reinforcing the idea of aesthetic oppression. In contrast, the second study analyzes the campaign ***The Dove Code*** (2024), in which the brand discursively builds the argument that it does not use AI to create or distort the female image in its advertising productions, associating the use of prompts oriented toward diversity with the rejection of stereotyped standards. Through a comparative analysis of the visual and discursive strategies of the two cases, this paper seeks to examine how generative AI participates in the production and negotiation of norms of femininity in advertising discourse. The comparison thus makes it possible to observe different forms of negotiating algorithmic normativity: while Aitana materializes a commercially valued synthetic ideal of femininity, Dove incorporates the critique of those same standards within a communication strategy equally oriented toward consumption.

Luiza Fontes Martins is currently on an academic mobility exchange at the University of Porto, where she takes part in the activities of the Centre for Digital Culture and Innovation (CODA-FLUP). She is a PhD candidate and holds a Master's degree in Language Studies (Editing, Language and Technology) from the Federal Center for Technological Education

Education of Minas Gerais (CEFET-MG). She holds specialization degrees in Creative Processes in Word and Image from PUC Minas, in Language, Technology and Teaching from UFMG, and in Management with an emphasis on Marketing and Innovative Market Strategies from the Dom Cabral Foundation (FDC). She holds a Bachelor's degree in Letters with a specialization in Editing from the Federal University of Minas Gerais (UFMG), and in Social Communication with a specialization in Advertising and Publicity from the Pontifical Catholic University of Minas Gerais (PUC Minas).

Diogo Marques is a Researcher at the Centre for Digital Culture and Innovation (CODA) and integrated member of the Margarida Losa Institute for Comparative Literature (ILCML), at the Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto, where he also teaches. He holds a PhD in Materialities of Literature from the University of Coimbra (2018). His research focuses on electronic literature, intermedial studies and digital humanities, with particular interest in haptic interfaces and research-creation practices. He is the author of ***Haptic Interfaces in Electronic Literature: The Digital Midas Touch*** (Brill, 2026) and was the PI of Breaking the Code: Algorithmic Non-Normativity in Creative Digital Humanities, a project funded by DARIAH ERIC (2025–2026). He is also active in the creation, translation and curation of experimental poetry and is co-founder of the cyberliterary collective wr3ad1ng d1g1t5.

Viral Reactions, Legal Consequences: A Case Study of the 2024 Tangier Sexual Assault

Imane Alqaraoui & Fatima-Zohra Iflahen (Cadi Ayyad Univ.)

In September 2024, a video was widely circulated on the internet of a young woman being sexually assaulted by minors on the streets of Tangier. The unauthorized recording sparked national outrage and gave rise to a wave of online reactions that spanned from September 2024 to November 2024. Many Moroccan content creators took to their TikTok accounts to address the incident, commonly referred to as the "Tangier girl" or ;ةجنط ةاتف. The video prompted some TikTok users to support the young woman, while others condemned her clothing choices, revealing deep-rooted societal divisions around gender-based violence in Morocco. Against this backdrop, the study examines how digital activism shaped public discourse around the case and whether such online mobilization translated into meaningful social or legal change. The research employs thematic analysis to examine high-engagement TikTok videos and their comments posted during the three-month period. The analysis identifies recurring patterns of meaning across the data, tracing how themes such as victim-blaming, youth mobilization, polarization, and resistance emerged and evolved across five waves of content circulation. Feminist theory provides the interpretive lens through which these themes are analyzed, enabling an examination of how gender, power, morality, and patriarchal norms were negotiated within digital discourse. The findings indicate three main benefits of cyberactivism: generating visibility around street harassment, mobilizing youth engagement, and countering victim-blaming through forms of digital resistance. At the same time, the findings reveal important limitations. Cyberactivism is limited in disrupting prevailing social norms, provokes divisions, and shows constraints in producing lasting structural change. The analysis shows that while digital activism created pressure that contributed to a short-term legal response, broader institutional reform or sustained transformation was not evident within the scope of this analysis. The

The research raises critical concerns about the boundaries of social media activism in achieving structural transformation in Moroccan society, while acknowledging its transformative potential to mobilize resistance.

Imane Alqaraoui is a doctoral student at Cadi Ayyad University, majoring in Gender Studies. She holds a bachelor's degree in English and Cultural Studies from Mohammed V University and a Master's degree in Foreign Applied Languages: Business, Culture, and Media from Cadi Ayyad University. Imane is passionate about examining societal dynamics. She questions whether social media effectively serves as a catalyst for positive change. Her research investigates how Moroccan women use social media to promote their work and access agencies, highlighting innovative strategies to address gender disparities.

Body-Corpus: Digital Cartography of the Body in Diane di Prima's Work
Joana Pinela (CETAPS - Univ. Porto)

In Diane di Prima's work, the body is an instrument of writing. Born in New York in 1934, di Prima developed much of her work within the North American context of the second half of the twentieth century. She lived through the social and cultural transformations of the 1950s and 1960s and was part of the Beat Generation, a predominantly male literary milieu, yet established herself as a central figure of the movement (Goggans, 5). Her writing thus accompanies a period of profound transformation in the experiences and discourses surrounding sexuality, motherhood, and women's autonomy. In this context, the body is inevitably shaped by the historical, social, and cultural conditions in which it moves. This paper therefore proposes to examine di Prima's poetics of the body through the relationship between body and writing, considering how these conditions shape bodily experience and, consequently, the poet's work. Drawing on a Digital Humanities approach, this project proposes the creation of an interactive body map, developed in RStudio, in which the author's own body, represented through a photograph, serves as a map onto which the bodily references identified in her work are projected. This transposition from text to the space of the body makes it possible to observe the frequency of these references, as well as their concentration and distribution across different areas of the body. The aim is to make visible how the body emerges in di Prima's writing: which parts are mentioned most, which experiences are concentrated in them, and how this distribution relates to a writing marked by the materiality of the body. The visualization thus functions as a research instrument, allowing us to start from objective data in order to return to the work and demonstrate how a historically situated body becomes both the matter and the instrument of writing.

Joana Pinela holds a degree in Languages, Literatures and Cultures from the Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto. She collaborated with CETAPS and was part of the JRAAS (Junior Researchers in Anglo-American Studies) team between 2024 and 2025, developing projects in the field of Digital Humanities. In 2025, she completed her Master's degree in Anglo-American Studies with the dissertation "Twice Torn: Diane di Prima's Corporeal Poetics," dedicated to the poetics of the body in the work of Diane di Prima.

Embodied Video Projection Practice: Moving Beyond the Body as Image
Mary Marinopoulou (Independent Researcher)

Embodied Video Projection Practice is a practice-led, exploratory methodology in which participants, outside clinical and performative contexts, encounter moving video images projected onto and around their bodies. Through sustained engagement in a safe environment, participants encounter, move with, interrupt, redirect, and transform projected images at their own pace. Across diverse bodies and forms of movement, the practice explores embodiment as a lived, relational, and continuously changing experience. The practice proposes that what bodies carry - scars, wounds, memories, sensations, and emotions - does not need to be examined, evaluated, altered, or transformed into representations. They are allowed to coexist. Projected images move across and around them, in a fluidity that creates conditions in which participants can encounter what their bodies carry without requiring permanence, coherence, or intellectualization.
Engaging feminist and queer questions of bodily autonomy, visibility, and the politics of the gaze, the practice challenges the positioning of the body as an object of surveillance, perfection, and visual control. Mirrors and plexiglass become technologies through which this power can be redistributed: rather than asking participants to look at and evaluate their bodies, they allow them to redirect projected light and illuminate what they wish to encounter, ultimately allowing participants to actively negotiate visibility.
Drawing on phenomenological understandings of the lived body, the methodology investigates how moving-image encounters can open space for bodily autonomy, play, care, and somatic agency. It asks how artistic practices can create conditions for bodies to be encountered otherwise: not as objects of representation or observation, but as sites of sensation, relation, agency, and ongoing becoming.

Mary Marinopoulou is an interdisciplinary audiovisual artist, researcher, and curator exploring how memory, trauma, and identity are inscribed in bodies and places. For nearly a decade, I lived and worked across Eastern Europe creating films, oral archives, and curatorial projects that engage with trauma, and intergenerational memory. In 2023, I developed Embodied Video Projection Practice, a non-performative artistic tool that uses curiosity and video projection to (re)imagine the human body and its relationship to memory. That research is published in “Projected Bodies and Embodied Memory: Somatic Agency in Video-Based Artistic Research,” a chapter in ***Spatial Aesthetics of Memory: Place, Perception, and Performative Experience*** (IGI Global, 2026).

Painel 3 — Arquivos FemQueer

‘O supergasmo da Revolução não pode estagnar’: expressões de libertação (homo)sexual no Porto no imediato pós-25 de Abril

Pedro Almeida Leitão (CITCEM - Univ. Porto)

Com a Revolução de 25 de abril de 1974, surgem as primeiras expressões públicas em defesa da liberdade das minorias sexuais, de que a publicação do manifesto do Movimento de Ação Homossexual Revolucionária (MAHR) constitui o exemplo mais evidente. Esses discursos não só não encontraram eco no panorama político como foram publicamente reprovados pelo Movimento das Forças Armadas (Matias, 2024). Não obstante, “os homossexuais” tornaram-se objeto da curiosidade da opinião pública nesses primeiros meses de liberdade, mais como sintoma da euforia revolucionária do que enquanto causa social.
Depois de, na manifestação do 1.º de Maio no Porto, ter surgido um cartaz exigindo “Liberdade para os Homossexuais” (Leitão, 2024), alguma literatura refere a realização, nesse mesmo mês, de uma concentração no Jardim da Cordoaria (Louçã, 2024). Defendemos que esse evento corresponde, afinal, a um “meeting” convocado para 12 de maio por grupos anarquistas da cidade. Num manifesto publicado na imprensa portuense no início dessa semana, afirmava-se que o movimento anarquista apoiava todas as “vítimas da História”, entre as quais “os homossexuais”. Esta breve alusão bastou para fazer circular a ideia de que o evento seria um “encontro de homossexuais”, atraindo uma vasta multidão e a presença da comunicação social. Nesse dia, a imprensa registou a “desilusão” do público, que esperava encontrar mais do que discursos inflamados de jovens anarquistas. A repercussão mediática contribuiu, contudo, para aumentar a atenção pública sobre a questão homossexual, pouco antes da publicação do manifesto do MAHR. Por essa mesma altura, era também publicado um manifesto subscrito por 469 prostitutas de Lisboa, no qual exigiam direitos e apelavam ao “amor livre” (Freire, 2016: 96). Estes casos poderiam sugerir a emergência de um movimento mais amplo de libertação sexual, ou, pelo menos, de diferentes formas de contestação das normas sexuais e morais herdadas da ditadura. A sua visibilidade parece ter suscitado receios entre alguns dos dirigentes político-militares quanto a uma eventual “degeneração moral” da Revolução, contribuindo para uma tomada de posição mais firme destinada a conter essas manifestações (Brandão, 2008).

Pedro Almeida Leitão é doutorado em História pela Universidade do Porto e investigador integrado do CITCEM/FLUP. Em 2024 foi distinguido com o Prémio Victor de Sá em História Contemporânea. É autor da publicação “Disturbia: um roteiro para o passado LGBTQ do Porto”. Entre outras áreas de investigação, tem-se dedicado à história queer em Portugal, numa perspetiva local.

Cartografia dos sentimentos e as crônicas: um arquivo das temporalidades queer

Natalia Cechinato (Univ. Federal de Santa Catarina)

Esta comunicação propõe o debate sobre as memórias dissidentes por meio da exposição de práticas visuais e textuais que desafiam a “crononormatividade”, sendo uma de suas definições “o uso do tempo para organizar os corpos humanos individuais em direção à

produtividade máxima" (Freeman, 2010, p. 3), e desestabilizam as normas de arquivamento institucional. Partimos de perguntas como "quem pode ser visível?" e "quem pode expor suas memórias?", para investigar quais objetos, lugares e afetos compõem um arquivo queer, tendo como inspiração o "Archive of feelings", de Ann Cvetkovich (2003), no qual as memórias aparecem como um recurso que "sai do armário". A experiência desta pesquisa se desdobrou em duas fases, sendo a primeira delas o trabalho voluntário realizado no Léstória – Arquivo lésbico e feminista, localizado em Lisboa, durante o ano de 2024, que estimulou o desenvolvimento do projeto intitulado "Cartografias das crônicas: a escrita da cidade para além dos mapas", no qual as pessoas participantes criaram, por meio da escrita e leitura de crônicas, uma cartografia de sentimentos, que atua como um arquivo das temporalidades queer, em diálogo com as concepções de tempo sugeridas por Jack Halberstam (2021). A exposição/composição artístico literária foi pensada para estar em constante construção e, através das crônicas produzidas pelas participantes durante o encontro, surgem paralelos entre o passado e o futuro, nos quais, concomitantemente, constrói-se o presente, algo que está em conexão com a ideia de futuridade e utopia, de José Esteban Muñoz (2019). As práticas arquivísticas queer, nesse âmbito, envolvem a fabulação e a produção de narrativas que desafiam generalizações e celebram singularidades, de modo que essas memórias são ativadas como recursos históricos valiosos, pois as "coleções efêmeras e pessoais de objetos se colocam ao lado dos documentos da cultura dominante" (Cvetkovich, 2003, p. 8) e oferecem modos alternativos de conhecimento.

Natalia Cechinato é Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (bolsista CAPES), no Centro de Comunicação e Expressão e atua na linha de pesquisa de Crítica Feminista e Estudos de Gênero. Cumpriu o programa de Doutorado Sanduíche (bolsista CAPES), na Universidade Nova de Lisboa (entre 2023 e 2024) e frequentou o curso de Ciências Sociais e Humanas na mesma instituição. Atualmente realiza pesquisa voltada para os campos da memória e temporalidades queer, arquivos e metodologias queer e cuir. É Mestra em Letras e Cultura, Bacharela em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo. Integra os grupos de pesquisa Queerrâncias, que analisa produções cinematográficas e artísticas sob a ótica dos estudos de gênero, ligado à UFSC e do Cais Laboratório de Teoria Literária e Escrita Criativa (vinculado ao IFPB e UEPB), oficialmente integrado ao CNPq. Possui publicações científicas sobre feminismos e literaturas no Brasil e em Portugal. Possui publicações literárias de poesia, crônicas e ministra oficinas de escrita e leitura para os públicos LGBTQIAPN+. Realiza projetos de incentivo à cultura, no âmbito da literatura queer/cuir, tendo participado e organizado eventos acadêmicos, como o Fazendo Gênero, na UFSC e o Women Writers in History.

Aproximações entre Rosa Gauditano e Maria Lamas: a fotografia como produção de sujeitas históricas

Ana Catarina Maia (Investigadora independente)

Esta comunicação propõe uma aproximação entre As Mulheres do Meu País (1948–1950), de Maria Lamas (Portugal, 1893–1983), e a série Vidas Proibidas (1979), de Rosa Gauditano (Brasil, 1955–2025), a partir da fotografia como prática de produção de sujeitas históricas. Em contextos autoritários distintos — o Estado Novo português e a ditadura militar

brasileira —, ambas as fotógrafas voltaram suas câmaras para comunidades cujas experiências permaneciam à margem das narrativas oficiais. A primeira parte centra-se nas minas de São Pedro da Cova, onde, em fevereiro de 1946, cerca de três mil mineiros da região entraram em greve por melhores salários e contra a escassez de alimentos. A greve, marcada pela repressão, tornou-se um acontecimento significativo da resistência operária durante a ditadura. Em ***As Mulheres do Meu País***, Lamas dá rosto às condições de vida e de trabalho daquele povo, fotografando sobretudo as mulheres que trabalhavam nas minas. Ao fazê-lo, desloca-as da invisibilidade social para o campo da memória histórica. A análise também evoca ***Vidas Proibidas***, conjunto de fotografias realizado por Gauditano em São Paulo entre 1978 e 1979, a partir de uma encomenda da revista ***Veja***, posteriormente não publicada. As imagens documentam espaços de sociabilidade lésbica, sobretudo o Ferro's Bar e a boate Dinossauros, durante a ditadura militar. Quatro anos depois, o Ferro's seria palco do levante de 19 de agosto de 1983, quando lésbicas ocuparam o bar em reação à proibição do boletim ChanacomChana, episódio posteriormente conhecido como "Stonewall brasileiro". A partir de uma perspectiva que entende a Fotografia como dispositivo, propõe-se pensar a imagem como mediadora entre experiência, visibilidade e constituição de sujeitas históricas, participantes ativas de momentos de força em comunidade, além do papel da Fotografia na construção da memória histórica.

Ana Catarina Maia é Mestre em História da Arte (vertente Arte Contemporânea) pela Universidade Nova de Lisboa. Autora do capítulo "Maria Lamas e a imagem do corpo feminino operário em ***As Mulheres do meu país***" (115–128) em ***Por uma História com Mulheres: compreensões e caminhos em classe, raça e gênero***. Rio de Janeiro: Desalinho Publicações, 2022. Possui pesquisa independente sobre mulheres artistas e decolonialidade. Ensina inglês para mulheres imigrantes.

Tempo, arquivo e desejo: Temporalidades lésbicas na imprensa lésbica portuguesa (1990–2007)

Letícia Emília Batista (PUC - SP)

"Amar com as mãos tal como com o coração. Propõe-nos uma nova linguagem qualquer, se calhar ainda por inventar", escrevia Sabina para a revista lésbica portuguesa ***Lilás***, em 1994. Mãos que amam, escrevem e arquivam, verbos que refletem uma fusão entre corpo, afeto e inscrição histórica que atravessa as páginas das publicações lésbicas portuguesas ***Organa, Lilás, Zona Livre e Lesbiana*** (1990–2007). A partir desse corpus documental, a presente comunicação analisa a prática coletiva de inscrição histórica que essas publicações realizavam ao arquivar, narrar e transmitir experiências de lesbianidades, disputando os critérios do que conta como conhecimento histórico legítimo; bem como propõe um regime de historicidade específico que emerge dessas experiências, apresentado em suas dimensões constitutivas.

Cartas, editoriais e relatos dessas publicações revelam mulheres em busca de referências e contatos capazes de romper a solidão, nomear experiências de lesbianidade e estabelecer redes de afeto. Assim, o desejo e a dificuldade de encontrar vestígios de outras lésbicas ao longo da história atravessavam suas relações com o passado, o presente e as possibilidades de existência imaginadas. Em diálogo com Hartog, Koselleck e a teoria queer das temporalidades (Freeman, Halberstam, Freccero, Muñoz), argumenta-se que esse regime de historicidade é contra-hegemônico e situado, emergindo dentro e contra o tempo heteronormativo dominante, sem nunca dele se separar por completo,

articulando-se em ausências e retornos que marcam a relação dessas mulheres com o passado, o presente e o futuro.

Letícia Emília Batista é historiadora e doutoranda em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com estágio de doutorado realizado na Universidade de Lisboa (2024). Sua pesquisa articula historiografia, teoria da história e estudos de gênero e sexualidade, investigando a imprensa lésbica portuguesa (1990–2007) como fonte para pensar experiências, temporalidades e regimes de historicidade específicos das lesbianidades. Interessa-se pelos diálogos entre Teoria Queer e Teoria da História, propondo categorias analíticas voltadas à especificidade das experiências lésbicas no tempo.

Painel 4 — Politics of Care I: Temporalities

Chrononormativity and possible futures: when queernes and disability rewrite our time
Mara Pieri (CES - Univ. Coimbra)

Since Freeman developed the concept of “chrononormativity” (2011), queer theory has produced a substantial body of scholarship examining how LGBTQ+ people challenge normative experiences of time and offer new perspectives on temporality (Halberstam, 2011). Similarly, debates surrounding the concept of “crip time” (Kafer, 2013) demonstrate how disability is constructed through a particular understanding of time and how, at the same time, disabled people are unable to conform to that very temporality. Bringing these two theoretical frameworks together, this article examines, in particular, the experiences of LGBTQ+ people with disabilities and how their embodied experiences of time twist, extend, and fracture normative linearity, (re)production, and the very notion of the future. It further argues that the temporalities of queerness and disability challenge us to reimagine the future, our understanding of success and failure, and our queer orientation towards happiness (Ahmed, 2006).

Mara Pieri is a permanent research fellow at the Centre for Social Studies, University of Coimbra. She holds a Master’s degree in Sociology from the University of Trento (Italy) and a PhD in “Human Rights in Contemporary Societies” from the Centre for Social Studies. She currently leads the project “PULSAR – The Role of LGBTQ+ Professionals in Inclusive Healthcare,” funded by the Portuguese Foundation for Science and Technology (FCT). She is also the coordinator of “CLICK – Connecting Families, Educators and Policymakers to Improve the Well-being of LGBTIQ Children through an Intersectional Approach,” funded by the European Commission. Her publications address LGBTQ+ issues, the sociology of health, and crip studies, with a particular focus on chronic illness, (in)visibility, and health inequalities. Her recent research interests include medicalisation; chronic illness and invisible disability; visibility; accessibility; sexualities in Southern Europe; and LGBTQ+ health.

Institutionalized Norms: Guiding Students' Emotional Development through Feeling Rules and Gender Stereotypes

Rebecca Judeh (Univ. NOVA FCSH - CICS.NOVA)

As children navigate school hallways and playgrounds, social interactions and learning material embedded with social and gender norms contribute to the construction of students' identities. More specifically, schools present favorable conditions for the fostering and growth of students' emotional development through social interactions, which are often supported by emotional exchanges. Feeling rules and gender stereotypes manifest in dialogues and interactions, or class material, serving as a gateway for the reproduction of gender and social norms. Through a shared social process between gender and emotion socialization, feeling rules and gender stereotypes are reproduced, reinforced, and evolve throughout school settings. Masked as social norms, instructors and families often overlook and normalize gender stereotypes or feeling rules in school settings as they commonly and unknowingly occur through discourse, body language, or academic material.
When this lens of emotion socialization is magnified, patterns of feeling rules and emotion work (Hochschild, 1979, 2012) are exposed. Connections between societal expectations and the practice of these rules are better understood by applying Judith Butler's gender performativity theory (1990). By encompassing a gender socialization lens into this social process, an interexpressive relationship is revealed between the expressions of gender stereotypes and feeling rules that shows their reciprocal relationship. Using qualitative and quantitative data from three semesters at a primary school in Lisbon, Portugal, this investigation explored how enacting gender through the interexpression of gender stereotypes and feeling rules guides students' emotional development. Becoming familiar with this social process uncovers a gendered emotional barrier present in schools, where students' identities are being constructed.

Rebecca Judeh is a doctoral candidate in sociology within the OpenSOC program at NOVA Universidade, FCSH, CICS.NOVA and a PhD scholarship holder from FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia. The present research is interdisciplinary, intersecting gender studies, the sociology of emotions, and education. Drawing on her experience as an educator, the researcher sought to identify how gender and social norms shape emotional development in the classroom. Over three semesters, an ethnographic study was conducted at a primary school in Lisbon, Portugal, observing the same group of students from second through third grade during academic lessons, as well as informal moments in the cafeteria and playground. Experiments, commonly referred to as class activities, were also carried out with students; further methods included classwork and textbook analyses, in addition to family questionnaires. Utilization of Judith Butler's gender performativity theory (1990) and Arlie Hochschild's concepts of feeling rules and emotion work (1979, 1983) provided evidence suggesting a reciprocal relationship between feeling rules and gender stereotypes in the classroom. Underlying theoretical frameworks include symbolic interactionism (Mead, 1934; Blumer, 1969), social constructionism (Berger & Luckmann, 1966), and childhood studies (Kustatscher, 2015). Additional academic interests include immigration studies and human rights, having conducted research and presented work on reproductive injustices and kinship-based violence in Central America and the United States.

Between Legal Frameworks and Lived Experience: Discrimination, Invisibility, and Resilience among LGBTIQ+ Youth in Portugal

Violeta Campos, Daniela Lebre, Mafalda Esteves, Mara Pieri (Univ. Coimbra)

Despite the legislative progress achieved in the field of LGBTIQ+ rights, the everyday lives of LGBTIQ+ children and young people in Portugal continue to be marked by discrimination, invisibility, and violence. Starting from the tension between legal recognition and everyday lived experiences, this paper presents the findings of a study conducted as part of the European project CLICK: ***Connecting Families, Educators and Policymakers to Combat Violence and Improve the Well-being of LGBTIQ Children Through an Intersectional Approach*** (Pieri et al., 2026). The research employed a qualitative and participatory methodology, combining semi-structured interviews, focus groups, and a questionnaire survey targeting young people. Beyond highlighting the persistence of violence, the findings reveal the limitations of an approach based predominantly on the achievement of formal rights. Although legal frameworks constitute important resources for protecting LGBTIQ+ children and young people, their implementation remains uneven and dependent on individual initiatives, community networks, and informal channels of mediation. The findings show that schools simultaneously function as spaces of protection and sites of normative reproduction: while some practices foster recognition and a sense of belonging, others reinforce the invisibility of LGBTIQ+ experiences through their absence from curricula, educational materials, and institutional cultures. These findings corroborate previous research identifying schools as one of the main contexts in which LGBTIQ+ young people experience victimisation in Portugal (Gato, 2022; Saleiro et al., 2022). Drawing on feminist, queer, and intersectional perspectives, this paper argues that violence against LGBTIQ+ children and young people cannot be understood solely as the result of individual acts of discrimination, but rather as an expression of normative structures that regulate bodies, identities, and legitimate forms of belonging. The paper thus contributes to contemporary debates on normativity, resistance, and social justice, highlighting the need for institutional transformations that go beyond mere legal protection.

Violeta Campos holds a Bachelor's degree in Psychology from the University of Lisbon and a Master's degree in Educational, Developmental and Counselling Psychology from the University of Coimbra. She also holds a postgraduate qualification in Sexual Health in Clinical Practice from ISPA – University Institute. She is currently a junior researcher at the Centre for Social Studies of the University of Coimbra, where she is part of the research team of the project "CLICK – Connecting Families, Educators and Policymakers to Improve the Well-being of LGBTIQ Children through an Intersectional Approach". Her research work is closely connected to her activist commitment as coordinator of Projeto Educação and a board member of rede ex aequo – an association for LGBTI young people and allies, where she has been involved in several projects.

Daniela Lebre holds a Bachelor's degree in Political Science and International Relations from the Faculty of Social and Human Sciences at NOVA University Lisbon and a Master's degree in Sociology from the Faculty of Economics of the University of Coimbra. She is currently a PhD candidate in Sociology at the Faculty of Economics of the University of Coimbra and a junior researcher at the Centre for Social Studies of the University of Coimbra, where

she is part of the research team of the project “CLICK – Connecting Families, Educators and Policymakers to Improve the Well-being of LGBTIQ Children through an Intersectional Approach”. Her research interests lie in the fields of gender and sexuality studies, political sociology, and social inequalities.

Relações de cuidado, gênero e migração entre mulheres brasileiras em Portugal

Badr Abou (Univ. Federal de São Carlos - ISCSP - Univ. Lisboa)

A pesquisa propõe compreender as relações laborais e os estereótipos que atravessam a experiência de mulheres brasileiras migrantes que atuam como cuidadoras de idosos em Portugal, analisando as múltiplas formas de opressão que essas mulheres enfrentam. O estudo parte da compreensão de que o trabalho do cuidado é frequentemente tratado como algo inato da mulher, associado a um suposto instinto feminino, e não como uma atividade que exige formação profissional (HIRATA, 2009). Nesse contexto, a globalização do cuidado e a divisão internacional do trabalho reprodutivo evidenciam a transferência das responsabilidades de cuidado entre mulheres de diferentes países, especialmente por meio das chamadas cadeias globais de cuidados (HOCHSCHILD, 2016). Essas dinâmicas articulam fluxos de trabalho, afeto, desigualdade e poder, envolvendo mulheres migrantes que deixam suas próprias famílias para cuidar de famílias em países de destino (RODRIGUES e TONHATI, 2022). A pesquisa tem como objetivo produzir uma análise etnográfica das condições laborais de mulheres brasileiras que atuam no setor de cuidados no município de Lisboa, examinando como suas trajetórias migratórias se articulam a estereótipos sobre o corpo feminino brasileiro e a heranças coloniais que estruturam relações sociais, trabalhistas e afetivas entre Brasil e Portugal. A partir de uma perspectiva interseccional, busca compreender como gênero, raça, classe, nacionalidade e condição migratória moldam suas experiências de trabalho, suas conjunturas familiares e suas redes de apoio. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, etnográfica, fundamentada na observação do cotidiano das trabalhadoras, articuladas à realização de entrevistas não estruturadas ou semiestruturadas. Pretende-se mapear trajetórias laborais e identificar experiências de violência, discriminação e exploração, considerando os desafios enfrentados no acesso a direitos, à cidadania e à documentação migratória. O estudo busca contribuir para o debate antropológico sobre migração, gênero, trabalho e cuidado, evidenciando as desigualdades que atravessam as experiências dessas mulheres e as relações de cuidado em contextos migratórios. O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processos nº 2026/07313–4 e nº 2025/13265–0.

Badr Abou é licenciada em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Uberlândia. Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos com ênfase em estudos migratórios, com Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE/FAPESP) no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa (ISCSP-ulisboa). Atuou em pesquisas no Brasil na área de violência ginecológica e obstétrica em mulheres migrantes e também sobre o acesso à saúde e vulnerabilidades de migrantes no contexto de disseminação da COVID-19 em rede colaborativa com a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Atua principalmente nas áreas de migração, violência e gênero. Membro do Laboratório de Estudos Migratórios (LEM-UFSCar) e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Migração, Saúde e Trabalho (MIGRAST-UFU).

Painel 5 — Intimacy Through the Lens

Intimacy in the Army: the First Queer Military Film in Soviet Union
Marek Jedliński (Adam Mickiewicz Univ.)

The aim of our presentation is to examine the first film to portray male homosexuality in the Soviet Union. The film "Sto dney do prikaza" ("100 Days Before the Command", 1990), directed by Hussein Erkenov, is a pioneering work in the context of Soviet cinema, given that it was produced in a country where the criminalisation of homosexual relations had been in place for several decades. The film clearly emphasises the physical dimension of experiencing homosexual fascinations. The body is a medium of hidden desire, which is expressed rather through insistent glances. Before men leave the army, they must undergo a ritual initiation that does not involve sexual intercourse, but rather the absorption of smells and contact with the urine of other soldiers. Each soldier analyses the bodies of his fellow soldiers in detail. An important aspect of this forbidden fascination is also the ritual of washing bodies, accompanied by insistent silent observation. A comparable substitute for sexual intercourse is the massage that takes place during communal baths. The massages are lengthy and arousing. The fixed gaze, massages and provocative smiles are consistently insistent and defiant in their presentation. The initial queer film was shelved and banned for ideological reasons and because it violated taboos; officially, the Soviet army was free of violence and sex. Erkenov has created a work that is provocative and full of sublime metaphors. The director mixed violence with sex, simultaneously demonstrating the subtlety of the expression of desire between men.

Marek Jedliński, Faculty of Philosophy, Adam Mickiewicz University in Poznań. Ph.D., Professor at Adam Mickiewicz University in Poznań, author of numerous scientific publications on Russian culture, the problem of strangeness, cultural aspects of Soviet traditionalism, Soviet sexophobia, the cultural face of Russian/Putin homophobia/transphobia and queer theory. Author of three monographs: ***Rosyjskie poszukiwania sensu i celu...*** (2015) [Russian Search for Meaning and Purpose...]; ***Obcości. Szkice z filozofii i literatury*** [Strangeness. Sketches on Philosophy and Literature], 2017; co-authored with Krzysztof Witczak; ***Ku przeszłości! René Guénon, Julius Evola i nurty tradycjonalizmu*** [Towards the Past! René Guénon, Julius Evola and the currents of traditionalism], (2019).

Queer Herstories in the 1980s: Female Self-Narratives in Late State-Socialist Poland
Rita Müller (Institute of Polish Culture - Univ. of Warsaw)

When looking for queer herstories in the Polish past, it is not easy to find female voices from before the 1990s. Existing accounts often emphasize the absence, imperceptibility and invisibility of lesbians in the public sphere. A key task, however, may be to find another framework that does not reduce lesbian experience to a diagnosis of lack or insufficient representation. I focus on female self-narratives scattered across Polish youth and popular magazines from the second half of the 1980s, including reportages, letters and a published diary. I approach these materials as fragmentary traces of how non-heteronormative

girls and women experienced and described their lives during the last years of the Polish People's Republic. As José Esteban Muñoz wrote in "Ephemera as Evidence": "queerness is often transmitted covertly." These fragments can be seen as material traces of ephemeral queer experience. Through close reading and deciphering these residues, I am interested particularly in what lies on the border, or on the verge, of representation: not fully defined identities, unstable forms and indirect expressions of non-heteronormative experience. Raymond Williams's notion of "structures of feeling" provides another point of reference for thinking about forms of experience that were lived and felt before they became fully articulated within an established public language. Rather than asking only whether lesbians were visible or represented, I explore how queer feelings and relationships became recognizable and narratable in a period of broader social and political change. In doing so, I ask what these dispersed fragments can tell us about the experiences of non-heteronormative women in late state-socialist Poland and seek to go beyond the framework of (in)visibility.

Rita Müller is a researcher and practitioner working across texts, artworks, and socially engaged projects. She is a PhD candidate at the Doctoral School of Humanities and the Institute of Polish Culture at the University of Warsaw, where she is pursuing a PhD with a focus on queer herstory in Poland. Her research focuses on non-heteronormative women in the late Polish People's Republic and the 1990s, exploring their narratives and practices, political strategies, and the changing possibilities of articulating queer feelings and experiences. She holds an MA in Cultural Studies from the Institute of Polish Culture at the University of Warsaw, where her master's thesis examined performance practices at Le Madame, a queer club and cultural space in Warsaw in the early 2000s. She has participated in the 4EU+ Alliance projects Queer Pedagogies Here and Now and Queer Studies Student Collective. Her articles have appeared in cultural and academic journals, including Gender a výzkum / Gender and Research, Contemporary Culture, View: Theories and Practices of Visual Culture, InterAlia: A Journal of Queer Studies, and Dialog: A Journal of Contemporary Drama. More information and selected publications are available at: uw.academia.edu/RMüller.

Cherry Hill: Photography, Writing, and Acting

Íris Moreira (Univ. Porto)

Jona Frank is a photographer who explores childhood in her work. One example is ***The Modern Kids*** (2015), a photobook of young boxers from the north of England.
Another example appears in her fourth book, ***Cherry Hill: A Childhood Reimagined*** (2020), in which the artist looks back on her own past youth, marked by literature and photography, but also by the performativity of her identity and gender, a result of the tensions with her mother, who wanted Jona to be "well-behaved" and "feminine."
This paper seeks to highlight how, in order to encompass the author's contextual complexity and interartistic character, ***Cherry Hill*** (2020) becomes a transdisciplinary memoir, constructed through writing, photography, and staging, drawing on elements as diverse as staged photography and a poem by Emily Dickinson to interweave memory and imagination, blurring the line between different temporalities, between fact and fiction.

Íris Moreira has a bachelor's degree in Literature and Interartistic Studies, given by the Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto. This course allowed her to do transdisciplinary studies in the fields of literature, theatre, and cinema, which she is still doing today as an independent researcher. Parallel to her academic studies, she is a practicing theatre artist at Teatro Universitário do Porto, having worked with theatre directors such as the BLUFF team, Pedro Azevedo and Guilherme de Sousa, and silentparty, Mafalda Banquart, Tiago Araújo, Emanuel Santos and Tiago Jácome. At the conference ***Poesia e Performance IV***, hosted at the University of Porto, Íris Moreira presented an individual performance, ***A História Deita Fora As Suas Garrafas Vazias*** [History throws away its empty bottles], which reflected on the use of spiritual drinks by some women in order to suppress their hurt caused by sexist hatred and oppression.

Peering through Fragments – The Visibility of The Gay Body in Film and Performance Art (Majdrowski, Jung)

Krzysztof Witczak (Adam Mickiewicz Univ.)

In the late 1970s and 1980s, gay art in Poland was one of the most important artistic phenomena of the late Polish People's Republic, albeit a long-marginalised one. Representatives of this movement, including the performer Krzysztof Jung and the filmmaker Piotr Majdrowski, developed creative practices that broke social and political taboos by revealing non-heteronormative experiences under conditions of state censorship and widespread homophobia. Jung's performances based on the exposure of the body, relationality, and intimacy. Artist employed the poetics of touch and matter as a means of resisting systemic invisibility; in literary terms, this is considered an early form of queer emancipatory gesture (Agamben). Jung consistently avoids presenting the body as a coherent, stable form, focusing instead on its fragments: hands, feet, muscle tension. The fragment becomes the basic unit of meaning, and physicality is revealed gradually, during the course of the performance. Meanwhile, Majdrowski created films such as ***Nieporozumienie*** (***Misunderstanding***) subversive narration. This allowed homosexual desire to be encoded in images that could be presented in the official cultural sphere. Situated on the borderline between experimental film and post-avant-garde social criticism, his work presented the gay subject as an excluded yet active figure participating in the construction of alternative communities. In film, the body exists more as an effect of montage than as a finished object — it is constructed during the projection, through the tensions between successive shots. Pauses, understatements and repetitions make physicality uncertain and susceptible to fragmentation. The activities of both Jung and Majdrowski fit into the broader context of independent art. As researchers of Central and Eastern European visual culture have noted, queer practices developed in this context in a camouflaged yet exceptionally intense manner (Tomasik, Mizielińska).

Krzysztof Witczak, Adam Mickiewicz University in Poznań, Ph.D., literary scholar, co-author of the ***Obcości. Szkice z filozofii i literatury*** [Strangeness. Sketches on Philosophy and Literature], 2017, co-authored with Marek Jedliński; editor of several scientific monographs on the problem of strangeness. He has published, among others, in ***Images, Sensus Historiae, Czas Kultury, Filo-Sofija, Zoophilologica***, ***Polish Journal of Animal Studies***. His research interests focus on literary text and cinema, especially in the field of queer theory.

Painel 6 — Direitos FemQueer

O Género como elemento estruturante do Direito da Família Português do século XIX. A situação das mulheres em particular
Miriam Brigas (Univ. Lisboa)

Procura-se, com a presente comunicação, analisar a importância do género na construção do Direito da Família português, mais concretamente no século XIX. O género tem sido, mais recentemente, objeto de tratamento em várias áreas dos estudos desde o início do século XXI, sendo a área da História do Direito da Família particularmente proveitosa. A nossa atenção irá centrar-se na situação das mulheres no contexto familiar, considerando o regime jurídico que lhes é aplicável em matéria de direitos e deveres, vindo o legislador a distinguir entre a situação da mulher casada e da mulher solteira. As limitações no exercício do poder paternal da mulher casada são especialmente relevantes, bem como ao nível da sua atuação enquanto sujeito jurídico. Procuraremos alicerçar a nossa análise na principal literatura existente sobre o tema, refletindo sobre a forma como a legislação positivada no codificação civil refletiu um certo entendimento. O recurso à análise arquivística será também considerada como fonte da matéria exposta na comunicação.

Miriam Brigas é Professora Associada da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa desde 2023, com doutoramento, realizado em 2012, na área das Ciências Histórico-Jurídicas na mesma universidade, com dissertação subordinada ao tema "As relações de poder na construção do Direito da Família Português (1750–1910)". Foi membro eleito do Conselho Científico e do Conselho Pedagógico da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa de 2012 a 2022. É membro do Instituto de Direito Penal e Ciências Criminais da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e do Instituto de Investigação Interdisciplinar, da mesma faculdade. É membro do Conselho de Deontologia da Ordem dos Advogados. É oradora em vários cursos de Pós-Graduação e mestrado nas áreas do Direito Romano, História do Direito Português, História do Direito Privado, Sociologia do Direito e Direito da Família. De entre as várias áreas de investigação destacam-se as matérias relativas à investigação na área da História do Direito Privado, em especial dos institutos jurídico-familiares. Publicou diversos artigos e comunicações sobre direito matrimonial, filiação, responsabilidades parentais e direitos e deveres das crianças. Desempenha atualmente as funções de Provedora do Estudante da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

Parentesco, cuidado e poder: por uma hermenêutica jurídica interseccional do Direito das Famílias
Juliana Pantoja Machado (Univ. Federal do Pará)

A tradição jurídica moderna construiu uma separação entre as esferas pública e privada que não é neutra em termos de gênero, raça e classe. Como observa Benhabib (2021, p. 233–234), "as questões de justiça eram, desde o início, restritas à 'esfera pública', enquanto a esfera privada era considerada fora do domínio da justiça". No âmbito familiar, essa delimitação contribuiu para naturalizar relações de autoridade, cuidado, sexualidade e reprodução, afastando experiências femininas do campo de reconhecimento jurídico. Este

trabalho investiga como essa herança repercute na interpretação jurídica das relações familiares, propondo uma hermenêutica jurídica interseccional capaz de deslocar o olhar do sujeito abstrato e universal para sujeitos situados e atravessados por relações de poder. Parte-se da compreensão de que gênero não opera isoladamente: raça, classe e território articulam-se na produção das experiências de mulheres, especialmente daquelas posicionadas nas margens sociais e institucionais. Metodologicamente, a pesquisa combina abordagem dedutiva e indutiva, articulando crítica feminista, perspectiva decolonial e hermenêutica jurídica. A interseccionalidade é mobilizada não apenas como categoria descritiva, mas como ferramenta epistemológica e hermenêutica para identificar os marcadores que estruturam a produção dos sentidos jurídicos (Moreira, 2017, p. 111-118; Lugones, 2014, p. 75–78; Akotirene, 2019, p. 61–66). Nessa perspectiva, a interpretação constitui um gesto situado, crítico e potencialmente transformador, capaz de questionar a neutralidade e os limites da igualdade formal. Ao aproximar direito, parentesco e políticas de cuidado, sustenta-se que uma leitura interseccional das relações familiares permite tornar visíveis experiências historicamente marginalizadas e tensionar os critérios pelos quais o Direito define proteção, autonomia, autoridade e cuidado. A proposta insere-se, assim, no debate feminista e queer sobre parentesco, comunidades e políticas de cuidado, interrogando os modos pelos quais o Direito participa da produção e da legitimação de hierarquias no espaço familiar.

Juliana Pantoja Machado é Sócia Fundadora do CAMG Advogadas. Doutoranda em Direitos Humanos pela Universidade Federal do Pará (UFPA) em regime de Cotutela com a Universidade de Lisboa (FDUL). Possui graduação em Direito pelo Centro Universitário do Estado do Pará (2012), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Pará (2023) e mestrado em Direito, Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional pelo Centro Universitário do Estado do Pará (2021). Membro do núcleo docente estruturante - nde - Estratego Sistema Educacional LTDA - ME, Professora colaboradora da Universidade Federal do Pará, Pesquisadora do Conselho Nacional de Justiça - CNJ, Coordenadora do Grupo de Pesquisa FilPED - CNPq, atuando principalmente nos seguintes temas: direito das famílias e sucessões, direitos das mulheres, diversidade, gênero.

Dinâmicas entre pessoas LGBTQ, a polícia e a decisão de apresentação de queixa: um estudo qualitativo

Rita Ribeiro (Univ. Porto)

The purpose of this investigation is to analyze the dynamics between LGBTQ individuals and the police, focusing on the decision-making process behind the reporting of hate crimes. Drawing from Queer Criminology, procedural justice, legitimacy theory, and intersectionality, this research examines how LGBTQ victims perceive law enforcement, and which factors influence their decision to file or not to press charges. Through a qualitative approach, semi-structured interviews were conducted with LGBTQ individuals who experienced hate crimes in Portugal.

The findings reveal that perceptions of police legitimacy, prior victimization experiences, and intersectional vulnerabilities (such as gender identity, race, socioeconomic status and immigration status) significantly shape trust in the police and influence reporting behavior. Several participants expressed fear of secondary victimization, disbelief, or discriminatory treatment by officers.

The study highlights the need for inclusive police practices, specialized LGBTQ training, and the integration of sexual orientation and gender identity variables in crime statistics. This research contributes to addressing the gap in Portuguese criminological literature regarding LGBTQ victimization while providing recommendations to improve institutional responses to hate crimes.

Rita Ribeiro é mestre em Criminologia pela Faculdade de Direito da Universidade do Porto, onde também realizou a sua dissertação dedicada à Criminologia Queer, uma área emergente que carece de maior investigação em Portugal. Atualmente, exerce funções como analista de KYC no setor bancário, cruzando a sua experiência com a criminologia económico-financeira. Os seus principais interesses de estudo abrangem a prevenção da delinquência juvenil (com experiência de estágio no Bairro do Cerco), a reincidência, a reinserção social e os estudos no âmbito da Criminologia Queer.

Do sexo registado ao corpo real: dois pontos cegos da Patologia Clínica no cuidado a pessoas trans – Revisão da Literatura

Patrícia Araújo, Nadezda Kochetkova, Aurélio Mesquita (Unidade Local de Saúde de Braga), Andreia Gonçalves (ULS do Alto Ave)

Os sistemas de informação laboratorial e os programas de rastreio oncológico assumem, por defeito, uma correspondência estável entre sexo registado, género e anatomia. Em pessoas trans e não-binárias, este pressuposto falha de duas formas diretamente relevantes para a Patologia Clínica: na interpretação analítica e na elegibilidade para exames órgão-específicos. Os intervalos de referência sexo-específicos podem gerar falsos alarmes ou mascarar alterações reais quando o sexo registado não reflete o estado hormonal da pessoa. Numa coorte de 2201 pessoas trans, os valores de hemoglobina, hematócrito, enzimas hepáticas, creatinina e prolactina aproximaram-se dos do género afirmado ao fim de um ano de hormonoterapia, recomendando-se o uso dos intervalos do género afirmado a partir desse momento, sem necessidade de intervalos específicos para a população trans. A tendência estende-se a parâmetros historicamente considerados exceção: um estudo prospetivo publicado em 2025 mostrou que a troponina I de alta sensibilidade, dependente da massa miocárdica, também se desloca no sentido do género afirmado após 12 meses de hormonoterapia. De forma inversa, os próprios sistemas de requisição podem bloquear o pedido de exames órgão-específicos quando incongruentes com o sexo registado. Um exemplo paradigmático é o PSA, no qual mulheres trans com próstata podem ter a requisição rejeitada por alertas automáticos de incompatibilidade com o sexo registado, num contexto em que o rastreio nesta população já tende a ser subexecutado. Nesta revisão da literatura, argumentamos que ambos os problemas derivam da substituição do corpo real pelo sexo administrativo como critério de decisão. A lógica de "inventário de órgãos", já validada e adotada em Portugal na norma de rastreio do colo do útero de 2024 (que define a população elegível como "utentes com colo do útero"), aponta um caminho concreto. Defendemos a sua extensão aos sistemas laboratoriais para minimizar erros diagnósticos e melhorar a equidade na prática da Patologia Clínica.

Patrícia Araújo é Mestre em Medicina pela Universidade do Minho desde 2022. Realizou o Internato de Formação Geral na Unidade Local de Saúde (ULS) do Alto Ave em 2023. Foi Interna de Formação Específica em Psiquiatria na ULS do Alto Ave entre 2024 e 2025. Atualmente, é Interna de Formação Específica em Patologia Clínica na ULS de Braga.

Painel 7 — Movimentos Civis: Conquistas e Desafios

"Há mulheres que seguem tendências. Outras seguem princípios": mulheres conservadoras e o desafio de nomear a heterossexualidade

Sonia dalla Costa Montanari (Univ. NOVA - ISCSP UL)

Recentemente, o grupo Mulheres Conservadoras ganhou visibilidade em Portugal, defendendo a família tradicional, papéis de género tradicionais e valores cristãos. O grupo está ligado à Associação Família Conservadora, aos partidos Chega e CDS-PP e a uma rede evangélica que se estende para além de Portugal. Isto reacendeu o debate público sobre a necessidade do feminismo. As Mulheres Conservadoras dirigem-se aos seus seguidores numa linguagem familiar de responsabilidade, princípios e do papel da mulher como educadora e cuidadora na sociedade. Através da retórica da complementaridade, que entende a igualdade não como igualdade de oportunidades, mas como diferenciação de papéis, conseguem posicionar-se como defensoras das mulheres entendidas como cis, brancas, portuguesas e cristãs. A literatura designa isto por nostalgia regressiva, uma forma de regressar a uma época mais simples, em que as mulheres seriam muito mais valorizadas do que hoje. O que falta na literatura é o que permite às Mulheres Conservadoras legitimar este discurso: a heterossexualidade. Monique Wittig, e o feminismo lésbico, apontou há muito tempo para a incapacidade de alguns ramos do feminismo de identificar a origem da opressão: a heterossexualidade como regime político. Recentemente, Catherine Nash e Kath Browne cunharam o termo heteroativismo para designar a estratégia que impõe a heterossexualidade como o melhor modelo para a sociedade e que, por isso, se opõe aos direitos LGBTQIA+ e das mulheres, à educação sexual e à autonomia corporal. Se a heterossexualidade é o regime, então o heteroativismo é o projeto que o defende. As Mulheres Conservadoras, através do olhar do heteroativismo, demonstram como um movimento pode afirmar defender os direitos das mulheres e, ao mesmo tempo, rejeitar as políticas de igualdade. A heterossexualidade não exige igualdade, mas sim diferenciação, mantendo e alimentando outros sistemas de opressão. Nomear a heterossexualidade revela o regime político e retira à complementaridade a aura de naturalidade.

Sonia dalla Costa Montanari é uma mulher trans italiana e doutoranda em Estudos de Género na Universidade NOVA de Lisboa e no ISCSP – Universidade de Lisboa. A sua investigação de doutoramento analisa o heteroativismo e a mobilização antigénero em Portugal ao longo da última década, com foco na imprensa portuguesa, procurando compreender como esse discurso se tornou dominante. Faz parte da «Rede RESIST», que se dedica ao estudo das mobilizações anti-género e do processo de desdemocratização na Europa. Atualmente, está a trabalhar num projeto sobre o heteroativismo e as petições públicas em Portugal. Gosta de fazer coisas por rancor e raiva, gritando ao tipo que vive no topo da aldeia de Chamonix: "ESTOU VIVA".

Mapear a Sociedade Civil: Uma Análise Empírica das Organizações de Mulheres e as suas Reivindicações em Portugal
Sofia Oliveira (ISCTE-IUL)

Teorias recentes sobre a representação política das mulheres defendem que diversos atores apresentam reivindicações em nome das mulheres, muitas delas originadas na sociedade civil (Celis & Childs, 2020). A teoria de reivindicação representativa de Saward (2010) introduz a ideia de um «mercado» e «economia» de reivindicações, sugerindo que estas não emergem em condições de igualdade e têm de competir para atingir os espaços de decisão política. Neste contexto, as reivindicações dominantes, mais alinhadas com o mainstream político, têm maior probabilidade de prevalecer. A investigação empírica, contudo, não se concentrou ainda num mapeamento sistemático deste mercado, ou na identificação das reivindicações predominantes na sociedade civil e atores que promovem assuntos relacionados com as mulheres. Este artigo procura colmatar esta lacuna através de um mapeamento do ecossistema de organizações da sociedade civil portuguesas que apresentam reivindicações pelas mulheres, analisando, assim, quais as reivindicações que competem no seio da sociedade civil portuguesa e de que forma contemplam identidades marginalizadas. Os resultados evidenciam a complexidade e diversidade do ecossistema de atores reivindicadores pelas mulheres em Portugal. Embora a maioria das organizações identificadas se assumisse explicitamente feminista, foram também identificadas organizações não feministas e uma organização explicitamente antifeminista, evidenciando a diversidade ideológica da sociedade civil de mulheres. Apesar de muitas organizações se identificarem como interseccionais, esta investigação demonstra que as reivindicações interseccionais continuam marginalizadas e em desvantagem no mercado competitivo de reivindicações. A sociedade civil de mulheres em Portugal caracteriza-se pela dispersão e fragmentação das reivindicações, possivelmente em resultado de estruturas de oportunidades políticas de género historicamente restritivas. Este artigo contribui para as abordagens feministas da representação política, aprofundando a compreensão das questões relacionadas com as mulheres que têm maior destaque na sociedade civil, e promovendo a reflexão sobre se os atores políticos estão efetivamente a representar as mulheres.

Sofia Oliveira é doutoranda em Ciência Política no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa e investigadora no projeto internacional ***QUALREP: The Quality of Women's Political Representation*** (ERC Synergy Grant). A sua investigação, inserida na área de género e política, concentra-se no papel das organizações da sociedade civil na qualidade da representação política das mulheres. As suas áreas de interesse incluem ainda os movimentos anti-género e as dinâmicas de género e partidos de direita radical populista, tendo publicado investigação sobre esta temática no European Journal of Women's Studies.

Maternidades Sáficas: estudo de caso na capital brasileira
Isabel Amora (Univ. de Brasília e Univ. Évora)

Desde a aprovação do casamento igualitário no Brasil, em 2013, a pauta das famílias homotransafetivas tem estado em discussão. Pessoas LGBTQIA+ tem buscado não

somente o direito a se unir maritalmente, mas a constituir família com filhos. Embora muitos casais femininos tenham buscado e exercido a parentalidade, o tema da maternidade sáfica ainda é pouco explorado. Por maternidade sáfica se considerou toda a maternagem realizada por mulheres que se identificam como mulheres e que se relacionam com outras mulheres. A presente pesquisa apresenta o perfil de famílias homobiafetivas femininas que moram no Distrito Federal no Brasil. O objetivo da pesquisa foi analisar através da nuvem de palavras quais temas tem pontuado a maternidade sáfica em uma rede social da capital brasileira. A pesquisa procurou delinear os assuntos mais frequentes abordados por mães sáficas e sugerir qual é o papel da rede social para essas mulheres, quem são essas mulheres queer que decidiram ter filhos, como foi o processo de formação das famílias, quais as dificuldades encontradas e quais desafios essas mulheres enfrentam no exercício da maternidade. A metodologia utilizada foi a análise do discurso dessas mães a partir da nuvem de palavras mais frequentemente abordadas por elas em uma rede social. O perfil das mães e das famílias homobiafetivas femininas encontrado foi bem diverso e apresenta uma multiplicidade diversa nas constituições familiares, inclusive com famílias onde as crianças tem um pai (biológico ou não). A pesquisa aponta que mulheres sáficas que optaram pela maternidade encontraram muitas barreiras no exercício da sua maternidade, sofrendo com estigmas sociais e tendo sua maternagem constantemente questionada. Os impactos foram especialmente sentidos pelas mães não gestantes (no caso dos filhos gerados na própria família). As novas constituições familiares, em especial a LGBTQIA+, trazem à pauta questionamentos sobre os modelos parentais normativos e impõem novos desafios.

Isabel Amora é Mãe neuroatípica, Sapatão pansexual, Psicóloga clínica da Universidade de Brasília (UnB), com 25 anos de profissão, atualmente lotada na Coordenação de Atenção Psicossocial (CoaP), onde criou o grupo Vozes LGBTQIA+. Realiza doutoramento sanduíche em Direitos Humanos e Cidadania na Universidade de Évora e na Universidade de Brasília, onde desenvolve, respectivamente, as pesquisas sobre as políticas públicas das universidades portuguesas para enfrentamento da violência de género e LGBTIfobia no meio acadêmico e violência por parceira íntima entre mulheres que se relacionam com mulheres. Trabalhou por 11 anos no Hospital Universitário de Brasília (HuB), da UnB, onde co-criou o Ambulatório Trans e atuou no Ambulatório de Saúde Mental e no Ambulatório Intersexo (DDS). Atualmente também atua como psicóloga clínica em consultório particular, com foco na Terapia Afirmativa. Atua como Pesquisadora Associada da ILGA Portugal no âmbito do Observatório da Discriminação na Saúde LGBTI+, com a pesquisa sobre situações de discriminação experienciadas por pessoas LGBTI+ no contexto de acesso a serviços de saúde nas regiões Centro e Alentejo (NUTS II). Atuou como mentora no Projeto Trans-formação da ONU Brasil. Foi bolsista CAPES pelo Programa Abdias Nascimento. Realizou Mestrado em Ciências do Comportamento pela Universidade de Brasília e Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Possui atuação como Ativista LGBTQIA+ há 13 anos, sendo atualmente associada na ILGA Portugal, onde é membro da organização do Grupo Famílias Arco-Íris. Foi membro da Associação Brasileira de Famílias Homotransafetivas (ABRAFH). Atualmente tem desenvolvido também pesquisa sobre maternidades cuir/queer no Brasil.

Inclusão declarada, participação limitada? Pessoas trans nos movimentos feministas e LGBTQIA+ em Portugal

Daniel Morais (Univ. Coimbra)

À escala global, os feminismos trans-excludentes ganharam visibilidade e convergiram com movimentos anti-género, intensificando disputas sobre o sujeito feminista, o sexo, o género e a autodeterminação. Em Portugal, pouco se conhece sobre como as organizações feministas e LGBTQIA+ respondem a estes discursos e são percecionadas pelas pessoas trans. Esta comunicação analisa quinze entrevistas semiestruturadas: dez com pessoas trans e cinco com representantes da UMAR, MDM, ILGA Portugal, Plano I e Opus Diversidades. A análise confronta os discursos sobre inclusão e trans-exclusão com as perceções das pessoas trans, procurando identificar tensões e silêncios quanto à sua presença nas agendas, práticas e estruturas destes movimentos. Os resultados evidenciam a rejeição da exclusão das pessoas trans e a ausência, entre as organizações entrevistadas, de uma identificação com posições trans-excludentes. Contudo, as entrevistadas reconhecem a existência dessas posições em organizações feministas portuguesas e assinalam a invisibilidade das suas reivindicações, oportunidades limitadas de participação e uma presença insuficiente nos espaços de definição de prioridades, produção de discursos e tomada de decisão feministas. A análise comparativa dos dois conjuntos de entrevistas identifica desfasamentos entre os posicionamentos inclusivos declarados pelas organizações e as experiências de vida relatadas pelas pessoas trans. Estes testemunhos inscrevem-se num contexto de polarização política e circulação de discursos anti-género, percebido pelas entrevistadas como uma fase de backlash que ameaça a consolidação dos direitos conquistados. Argumenta-se que a oposição aos feminismos trans-excludentes não assegura práticas inclusivas. Importa distinguir entre inclusão discursiva, visibilidade organizacional e participação política, reconhecendo as pessoas trans como sujeitos de conhecimento, e não apenas como destinatárias de intervenção. Esta perspetiva permite analisar como a inclusão é praticada, negociada e limitada, contribuindo para repensar as fronteiras do sujeito feminista e as condições de participação cidadã das pessoas trans em Portugal.

Daniel Morais é doutorando em Estudos Feministas pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) e pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES-UC). Atualmente, desenvolve uma investigação de doutoramento centrada nos feminismos trans-excludentes e nas disputas em torno da autenticidade de género em Portugal, procurando compreender as suas expressões discursivas, políticas e sociais, bem como os seus impactos no reconhecimento dos direitos das pessoas trans. Integra o Grupo de Pesquisa em Sexualidades (GPS) do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Os seus principais interesses de investigação situam-se na intersecção entre os Estudos Queer, os Estudos de Género, os Estudos Feministas, a História das Mulheres e as Políticas Sociais, com particular atenção às questões da diversidade sexual e de género, cidadania e direitos humanos. Paralelamente à atividade académica, desenvolve trabalho de intervenção cívica, cultural e associativa. É voluntário no portal de notícias LGBTQIA+ dezanove.pt e administrador do projeto LeiturasQueer.pt, dedicado à divulgação de literatura e pensamento queer. Integra, enquanto voluntário, a Plataforma Já Marchavas, coletivo de Viseu dedicado à defesa dos direitos humanos, dos animais e do ambiente. É também cofundador da Associação LGBTQIA+ Inércia do Tempo, dedicada à promoção da igualdade, visibilidade e inclusão LGBTQIA+ no interior de Portugal.

Painel 8 — Queer Afterlives of the Canon

Two Suns and How Many Genders?: gender personae in Euripides' *The Bacchae*

Ada Pousa (Univ. Porto)

This study employs Judith Butler's concept of "gender performativity" to interpret Euripides' tragedy, The Bacchae, with Dionysus and Pentheus being highlighted as characters of particular analytical interest. Crossing the Butlerian framework with the philological analysis of the Greek text, we aim to demonstrate that the deconstruction of binary gender is woven into the very language of the play.

The study initially highlights the liminal character of Dionysus' identity. it becomes evident that, through the choral vocative Διθύραμβε (Dithýrambe – Dithyramb) and the allusion to the god being welcomed into Zeus' ἄρσενα νηδύν (ársena nêdún – masculine uterus), the original text meshes the anatomical and symbolical dimensions, the limits of gender being eluded since the founding myth. The refusal of traditional divisions of gender which characterises Dionysus is showcased in the Prologue's grammar, where the the conventional term παῖς (pais – child; descendant), anarthrous, instead of υἱός (hyiós – son) establishes a gender indeterminacy in the god's own speech. This textual neutrality, typically used to claim ancestry, precedes the verbal confirmation of Dionysus' physical transformation, who, in the play's Prologue, takes on an ἀνδρὸς φύσιν (andrós phýsin – masculine/manly nature). According to the binary standards of Ancient Greece, this would contrast with the later use of θηλύμορφον (thêlýmorphon – effeminate), showcasing Dionysus' dissident appearance, being a man "in nature" and a woman "in appearance".

Furthermore, this essay explores the way in which Pentheus represents both the rigidity of state power and the transformative potential of human beings, which is repressed by Greek social conventions. By transitioning into a drag performance, overcoming the optative in the expression οὐκ ἂν δυναίμην (ouk án dýnaímên – would not be capable of) through the physical acceptance of feminine apparel, Pentheus serves as an example to Butler's notion that gender resides in the reiteration of an action – Pentheus is the act. This game of duplicity permeates the entire play: the Greek public was made to confront two Dionysoi (Dionysus and Pentheus), Pentheus being a parody of a parody of gender. This dramatic process clearly showcases Butler's theory of gender performativity. Through a metatheatrical perspective, the idea of double characterisation is also considered: on stage, the actor represents Pentheus, who, in turn, is representing a bacchant. That performance, which the actor is aware of, contrasts with the gender performativity of Pentheus as a character, considering that he, swayed by his own curiosity and Dionysus' words, not only dons the apparel of the maenads, but also adopts behaviours which are stereotypically feminine, as established in mythology.

Ada dos Santos da Veiga Pousa has earned a Bachelor's Degree in Languages, Literatures and Cultures, with a specialisation in Latin and Ancient Greek, through the Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto, and is now taking a Master's Degree in Literary, Cultural and Interartistic Studies, within the Literary and Cultural Studies strand. Now in her 2nd year, she's developing her dissertation, which explores the influence of proper names in the construction of a theatrical identity in Euripides. Concurrently with her studies, she has taken on an institutional role as one of the Student Representatives on the Course Monitoring Committee of her respective Master's programme. She has showcased dynamic involvement in the academic community by co-proposing and integrating the Organising Comittee of her Master's Degree's Full-Day Conference, an initiative developed in the academic year of 2025/2026, designed to foster open dialogue between the undergraduate and postgraduate programes and to promote thepresentation of scientific research developed within said Master's community. Her research profile is defined by a recognisably interdisciplinary approach, which articulates contemporary literary theory with classical philology. That perspective allows for an analysis of ancient texts which is not restricted to their historical context, considering, alongside that, their possibility as a dynamic field for identitarian, cultural, and social exploration.

'Dead wood more blessed than living lips': Queering the Erotics of Wooden Instruments in Shakespeare's Sonnets and Nashe's Dildo

Francisco Martins (Univ. NOVA Lisboa)

Fascinated by his mistress' musical abilities, the speaker of Sonnet 128 faces a conundrum: he must vie for her attention with the keys she plays. What follows is a sensuous interplay of music, lust, and jealousy, culminating in a heterodox agreement: "Give them thy fingers, me thy lips to kiss" (Shakespeare, 128.14). Rather than seeking to replace his rivals, the speaker seeks coexistence. This raises a question that pervades Shakespeare's sonnets but often goes unaddressed by both their speaker and readers: can love and desire accommodate multiple partners? A similar question emerges in the contemporary poem Nashe's Dildo, which follows the young Tomalin's visit to a brothel, where he wishes to find his beloved Frances. Their encounter, however, is marred by his poor performance, in response to which Frances turns to a dildo. Unlike Shakespeare's speaker, however, Tomalin sees the toy as both his rival and his displacement, with Frances' apologia reaffirming this. Noting these parallels – texts where a male subject's encounter with a wooden object reshapes the experience of pleasure –, and using Nashe's Dildo as a point of comparison, this paper examines other instances in the Sonnets where wooden toys and instruments unsettle the boundaries of relationality, reproduction and desire. Thus, through the lens of queer negativity, this paper situates both works within a broader Early Modern discourse on non-normativity. By triangulating the male subject and his partner with the wooden object (be it the musical instrument or the sex toy), both texts develop relational scripts that place frustration, infertility, and non-monogamy at the heart of pleasure, queering normative expectations of relationality they coexist with within these same poems.

Francisco Simãozinho Martins is a PhD researcher based in Lisbon, Portugal, whose project is supported by the Portuguese Foundation for Science and Technology (FCT). His work focuses on the portrayal of sexuality in sixteenth- and seventeenth-century poetry, with special emphasis on the editing of non-normative intimacy in both manuscript and print.

Besides presenting and publishing his work, he is also involved in organizing academic events at NOVA-FCSH.

Mercury's astrological nonbinarity in sixteenth-century Portuguese theatre
Carlos Silva (Univ. Porto)

In Classical Antiquity's astrology, Mercury, as a planet, is associated to a fluid gender, adapting themselves to every individual situation, and being influenced by their proximity to other planets, as shown by Hannah Silverblank (2024). The Portuguese Early Modern Age appears to reflect this idea, at least according to Rafael Bluteau, whose ***Vocabulário*** (1720), in the definition of the word "planet", imitating Ptolemy's theory in his Tetrabiblos, explains the existence of masculine planets (Sun, Jupiter and Mars), feminine planets (Moon and Venus), and "hermaphrodite" planets (word used at the time that corresponds to the current concept of "intersexuality"), of which Mercury is the only example. The astrological planets' gender division follows the famous "humoral theory": the masculine planets are hot and dry, while the feminine planets are cold and moist. Mercury, in turn, changes themselves according to their "neighbourhood": if Mercury is close to the Sun, then he becomes hot and dry, hence, masculine; but close to the Moon she becomes cold and moist, therefore, feminine. Based on that assumption, and supporting this research in historical cases of nonbinary people from the Portuguese Early Modern Age – studied by François Soyer (2012) and also Francisco Vázquez García and Richard Cleminson (2018) for example –, this presentation aims to analyse sixteenth-century Portuguese plays where the constitutive features of the astrological nonbinary Mercury (versatility and adaptability) are demonstrated. Most cases involve Mercury as a character, but there are also plots where it is revealed the deep connection between astrology and science (especially medicine), where astrological readings are performed, and even characters that are described as being born under the sign of Mercury.

Carlos Silva is a PhD candidate in Literary, Cultural and Interartistic Studies at the Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto, conducting research on literary representations of masculinities in Portuguese theatre from the sixteenth to the eighteenth centuries. His research interests are gender studies, with a particular emphasis on masculinity and the representation of women in literature, as well as the (re)discovery of dusty texts.

Queer without Rupture? Male-Male Desire, Marriage, and Reproductive Masculinity in *Pinhua Baojian*
Liu Jie (Univ. Minho)

Set in the theatrical culture of nineteenth-century Qing Beijing, ***Pinhua Baojian*** (The Precious Mirror of Ranking Flowers,品花寶鑒) offers a distinctive literary representation of male beauty, homoerotic desire, and affective relations between literati and male actors. Drawing on queer theory and critical masculinity studies, this paper asks how male–male desire should be understood when it does not necessarily disrupt marriage, reproduction, or patrilineal obligation. Modern categories of sexuality often presume a relatively close

correspondence between the object of desire, sexual identity, and social role. ***Pinhua Baojian***, however, presents a more complex configuration. Male attraction to actors, eroticized spectatorship, and intimate relations between men can coexist with marriage, fatherhood, and socially recognized forms of masculinity. Homoerotic desire therefore does not automatically remove the male subject from the patriarchal family or from the reproductive order on which his social position depends. Through close readings of the novel's representations of male bodies, spectatorship, affect, and marital expectations, this paper examines the relationship between sexual non-normativity and social conformity. It argues that male–male desire in ***Pinhua Baojian*** may depart from heteronormative expectations at the level of erotic attachment while remaining compatible with broader structures of family hierarchy and reproductive masculinity. The novel therefore invites a distinction between the non-normativity of desire and the disruption of social structures. Rather than projecting the modern category of "homosexual identity" onto late imperial China, this paper uses ***Pinhua Baojian*** to reconsider the relationship between desire, masculinity, marriage, and reproduction across historical and cultural contexts. In doing so, it also explores the limits of modern Western categories of sexuality when applied to forms of male intimacy embedded in the social and literary structures of premodern China.

Liu Jie is an Invited Professor in the Department of Asian Studies at the University of Minho. He holds a PhD in Classical Chinese Philology and has taught Chinese language, literature, history, and culture at universities in China and Portugal for sixteen years. His research interests include classical Chinese literature and philology, late imperial fiction, and the cross-cultural circulation of Chinese texts and cultural concepts.

Painel 9 — Sexualidades Queer: Cuidado, Archivo y Resistencia

Bailar, encontrarse, organizarse: espacios de ocio y construcción de las redes LGTBIQ+ en el tardofranquismo de la Costa del Sol

Claudio Gómez (Univ. Málaga)

Durante la Transición española, los espacios de ocio desempeñaron un papel fundamental en la articulación de nuevas formas de sociabilidad y politización de las disidencias sexuales y de género. En este contexto, Torremolinos constituye un caso especialmente significativo. Desde la década de 1960, la expansión del turismo internacional favoreció la aparición de bares, clubes, discotecas y otros espacios de encuentro frecuentados por personas homosexuales y, progresivamente, por sujetos cuyas identidades y expresiones de género desbordaban las normas hegemónicas. La relativa excepcionalidad del contexto turístico convirtió estos lugares en espacios de visibilidad, reconocimiento y construcción de vínculos, pese a la persistencia de la represión franquista. Esta comunicación propone analizar la continuidad y transformación de estos espacios durante la Transición Democrática Española, prestando especial atención a su papel en la creación de redes sociales y políticas LGTBIQ+. Se plantea la hipótesis de que bares y discotecas no funcionaron exclusivamente como lugares de ocio, sino también como auténticas infraestructuras informales de sociabilidad política: espacios donde circulaban informaciones, se establecían contactos, se compartían experiencias de discriminación

y se generaban formas de identificación colectiva. Desde esta perspectiva, la politización no surgiría únicamente de organizaciones formalmente constituidas, sino también de unas redes previamente construidas en torno al denominado "ambiente". El estudio prestará especial atención a la relación entre estas redes de sociabilidad y la aparición de iniciativas organizativas durante los primeros años de la democracia, particularmente la Unión Democrática de Homosexuales (UDH), fundada gracias a estos espacios en Torremolinos en enero de 1977, meses antes de la primera manifestación por la liberación homosexual celebrada en Barcelona y surgida de los primeros movimientos estudiantiles y democráticos de la provincia de Málaga.

Claudio Gómez es Graduado en Historia por la Universidad de Málaga, se encuentra realizando la tesis doctoral en el Programa de Igualdad y Género de la misma universidad, donde se dedica a investigar las disidencias sexuales y de género en la etapa tardofranquista y de la transición democrática española, con un afán de recuperar la memoria local andaluza y malagueña e investigar los efectos del turismo y localismos propios de la zona. Se suma el haber cursado 3 másteres previamente en su formación: Máster de Profesorado en la Universidad Internacional de València, Máster de Análisis Histórico en el Mundo Actual en la Universidad de Cádiz y Máster de Pluralismos Religiosos en la Universidad de Córdoba. Combina la investigación académica con la formación y estudio en la labor profesional de profesor de Historia en centros de secundaria y bachillerato en Andalucía y Madrid desde 2022 al presente. A su vez, ha expuesto en diversos congresos nacionales e internacionales en universidades como Liverpool, Madrid, Vigo, Valladolid, Castellón, Valencia, Málaga, o la UNED, entre otras, así como la formación en temas de igualdad de género y sexual para docentes y alumnado en formato de taller dentro de las administraciones públicas, concertadas y privadas.

Queerizar los cuidados: la familia elegida a través de *Un mundo huérfano* (2016), de Giuseppe Caputo, y *Las malas* (2019), de Camila Sosa Villada

Naiara Lorente-Alcalde (Univ. Salamanca)

20 de novembro 20 de novembro 20 de novembro

La presente investigación tiene como objetivo analizar las novelas ***Un mundo huérfano*** (2016), del autor colombiano Giuseppe Caputo, y ***Las malas*** (2019), de la argentina Camila Sosa Villada como ejemplos de parentescos alternativos que nacen del deseo de abolir la familia tradicional (Lewis) y renegar del futurismo reproductivo (Edelman) para alcanzar, así, comunidades libres de las relaciones de poder. A partir de las premisas de Adrienne Rich sobre la obligatoriedad de la maternidad y la institucionalización del deseo a través del matrimonio heterosexual, esta comunicación ofrece un estudio de la familia elegida como aquella que se desarrolla necesariamente en los márgenes, que es inherentemente subversiva por su naturaleza contrahegemónica y exocanónica (Escandell Montiel) y que se caracteriza por un deseo de apertura en cuanto a las identidades definidas por la norma, aquellas que se revelan como meros constructos (Butler). En esta línea, así como Caputo propone una constelación de identidades sexodisidentes y torcidas con respecto a los moldes identitarios que celebran sus afectos en un contexto de violencia, Sosa Villada propone la posibilidad de generar un refugio para un bebé desamparado en el seno de una comunidad travesti, allí donde la violencia y el amor siempre están presentes. Este trabajo

revisa, en definitiva, la orfandad como rasgo que caracteriza alegóricamente lo queer y lo marginal y que se entiende, a través de estas novelas, como una oportunidad: en un mundo en que lo diferente es sometido a degradaciones y distanciamientos, la segregación de las genealogías normativas y de los espacios públicos genera un espacio para crear desde la pureza, la voluntad y la libertad. Así como la esperanza de la nación según los discursos tradicionales reside en la sacralización del Niño (Edelman), los sujetos queer ponen en un primer plano la vida misma: la que se levanta a pesar de que el sistema trate de derribarla.

Naiara Lorente-Alcalade es graduada en Filología Hispánica por la Universidad de Salamanca, donde recibió una beca Erasmus de 10 meses en la Università degli Studi di Padova. En 2022, publicó su poemario Ya no cabemos más en este cuerpo con la editorial Círculo Rojo y desde entonces ha participado en numerosos encuentros poéticos. Se graduó en el Máster en Literatura Española e Hispanoamericana, Teoría de la Literatura y Literatura Comparada en la USAL con un TFM sobre las comunidades más-que-humanas en El muro, de Marlen Haushofer, y El monte de las furias, de Fernanda Trías. En 2026, ha sido miembro del club de lectura Caja Baja de la editorial Anagrama, participando en encuentros con autores y en la Feria del Libro de Madrid, y ha realizado prácticas como gestora y redactora del blog Panacea Libraria, de la Biblioteca de la Facultad de Filología de la USAL. Actualmente, estudia el Máster en Profesor de E.S.O. y Bachillerato, Formación Profesional y Enseñanzas de Idiomas en la misma institución, compaginándolo con el Certificado en Estudios Afrolatinoamericanos del Afro-Latin American Research Institute de la Universidad de Harvard. Se dedica de forma independiente a la investigación literaria y ha participado en distintos congresos y seminarios en universidades españolas como la de León o la de Alcalá de Henares. Su línea de investigación se centra en las futuridades antinormativas —vinculadas a la teoría queer, los estudios de género, la ecocrítica y los estudios poscoloniales—, así como en la figura del monstruo biopolítico en la narrativa hispánica contemporánea.

Ring, ring, ring. El mosquetón como lenguaje y archivo queer
Carla Faza (Univ. Complutense de Madrid)

¿Qué sucede cuando un objeto cotidiano permite reconocer una identidad antes incluso de poder nombrarla? Esta propuesta parte de ***Fun Home*** (2006), novela gráfica autobiográfica de Alison Bechdel, y se detiene especialmente en una de las escenas centrales de su adaptación musical, estrenada en 2013: el momento en que la pequeña Alison observa entrar en una cafetería a una mujer butch. En la canción ***Your Ring of Keys***, esta escena se convierte en una experiencia de reconocimiento en la que la ropa, los gestos, el cuerpo y, especialmente, el anillo de llaves de la mujer desencadenan en Alison la intuición de otra forma posible de habitar el mundo. A partir de esta escena, se propone pensar el mosquetón y otros signos corporales de la cultura lésbica como pequeñas unidades de memoria. Su importancia no reside únicamente en su capacidad para identificar a quienes comparten determinados códigos, sino también en su posibilidad de conservar y transmitir formas de existencia que no siempre han encontrado un lugar estable en los relatos históricos dominantes. Esta cuestión se aborda a través de la relación entre la obra de Bechdel y determinadas prácticas de archivo y representación, especialmente la fotografía de Joan E. Biren. El archivo aparece entonces no solo como conservación de aquello

que ocurrió, sino como una práctica de imaginación y reconocimiento capaz de hacer visibles otras posibilidades de existencia. La propuesta plantea, finalmente, que estos signos no constituyen un repertorio fijo de símbolos, sino acuerdos de lectura situados históricamente. El mosquetón puede ser herramienta, adorno, código, imagen o mercancía, pero en cada uno de estos desplazamientos conserva su memoria. Pensar estos objetos desde el archivo permite atender no solo a lo que ha sido representado, sino también a las formas de reconocimiento que hicieron posible que determinadas identidades pudieran ser imaginadas.

Carla Faza es artista e investigadora. Es graduada en Bellas Artes y cuenta con un máster en Producción y Prácticas Artísticas por la Universidad de Salamanca. Actualmente está realizando un doctorado en Estudios Visuales en la Universidad Complutense de Madrid. Su práctica artística se ha desarrollado principalmente a través de la pintura y la instalación, explorando las posibilidades materiales, formales y conceptuales de las imágenes y el espacio. A través de estos medios, su trabajo ha abordado las relaciones entre el cuerpo, la representación y la experiencia, examinando cómo las imágenes producen significado y configuran nuestra percepción del mundo. Su trabajo actual se sitúa en la intersección entre la investigación artística y los estudios visuales, con un interés particular por el maquillaje, la estética y las prácticas que intervienen sobre la superficie del cuerpo. Su investigación aborda estos elementos no solo como formas de ornamentación, sino también como dispositivos culturales y visuales capaces de articular la identidad, la representación y la subjetividad. Desde esta perspectiva, explora las tensiones entre apariencia y significado, naturalidad y artificio, así como las dimensiones sociales, políticas y simbólicas de la construcción de la imagen. Una de las preocupaciones centrales de su trabajo es la atención a lo pequeño, a aquello que parece insignificante y a lo gestual, entendidos como puntos de partida para aproximarse a procesos culturales más amplios. El detalle, el ornamento y las intervenciones sutiles sobre el cuerpo se convierten así en herramientas para cuestionar los códigos visuales que estructuran nuestra experiencia y configuran las formas en que aprendemos a mirar, desear y representar. A través de la investigación y la práctica artística, su trabajo aborda la estética como un campo de conocimiento desde el que descifrar las relaciones entre los cuerpos, las imágenes y el mundo, prestando especial atención a cómo elementos que pueden parecer menores o irrelevantes son capaces de revelar complejas estructuras de significado.

Onde a tradición se desvía: prácticas queer nas coplas galegas

Ánxela Lema París (Univ. Vigo - BIFEGA)

O *Cancioneiro galego de tradición oral* (1982) de Dorothé Schubart e Antón Santamarina foi interpretado tradicionalmente desde marcos de lectura que privilexian unha concepción cisheteronormativa, monosexual e monógama das relacións afectivas e do desexo. Porén, a ausencia de estudos que exploren este corpus desde perspectivas queer non implica necesariamente a ausencia destas posibilidades de significado nos textos. Así, a partir das achegas da memoria queer (Ferrández, 2020; 2024; 2026; Rosón, 2026), da crítica á cisheteronorma (Lauretis, 2013), o monosexismo (Lucio, 2019; Eisner, 2023) e o cuestionamento do sistema monógamo (Vasallo, 2018) como réximes de lexibilidade, este artigo propón unha revisión dun conxunto de coplas tradicionais galegas co obxectivo de identificar prácticas que desbordan os marcos interpretativos convencionais. Lonxe

de atribuír categorías identitarias contemporáneas ao pasado, a análise céntrase na identificación de ambigüidades, metáforas e silencios que permiten cuestionar a imaxe homoxénea e monolítica do mundo rural galego. A través do estudo de coplas que evocan vínculos múltiplos ou situacións que problematizan a estabilidade das categorías sexo-xenéricas, argumentarase que a poesía galega oral conserva pegadas (Ahmed, 2018) dunha realidade afectiva máis diversa e complexa do que habitualmente se recoñece. Deféndese, en definitiva, que as coplas constitúen un arquivo privilexiado da experiencia cotiá e que a ampliación dos marcos interpretativos permite non só descubrir novas posibilidades de sentido, senón tamén repensar criticamente as formas en que se constrúe a tradición e, tamén, a memoria do pasado galego.

Ánxela Lema París (Muros, 1991) é profesora Axudante Doutora na Facultade de Filoloxía e Tradución da Universidade de Vigo, e membro do Grupo BiFeGa e da Rede Galega de Estudos Queer. En 2020 doutorouse en Estudos de xénero e literarios con mención internacional e cum laude cunha tese titulada ***Deconstruír o erotismo poético desde as non-monogamias. Estudo e relectura da poesía erótica galega e da súa recepción crítica na primeira década do século XXI***. Foi lectora de lingua, literatura e cultura galegas na Université Sorbonne-Nouvelle Paris 3 (2015–2018), de español na Université de Picardie Jules Verne (2017–2018), investigadora no Centro Ramón Piñeiro (2018–2020) e investigadora posdoutoral Margarita Salas (2022–2024). Os seus ámbitos de investigación son os estudos de xénero, da sexualidade e literarios, cuestións sobre as que xa publicou diferentes traballos, impartiu conferencias e seminarios e organizou diferentes eventos científicos. Foi galardoada co Premio Follas Novas (2024) polo ensaio que coordinou con Andrea Nunes, ***O cento voando. Amores, alianzas e non-monogamias*** (Xerais, 2023) e publicou, xunto a Ana Amigo, o ensaio ***Insubmisión ambigua. Voces e relatos alén da monosexualidade*** (Xerais, 2025). No ámbito da ficción publicou, xunto a Sara Villar, o poemario ***ex-céntricas*** (2022).

Painel 10 — Nation, Violence and Resistance

No Gods, No Masters, No Homosexuals: Remembering the Legend of Simón Radowitzky

Rebecca Rubenstein (Emory Univ.)

What motivates radical political action outside the legibility of nationalism and the borders of nations? How do we remember them? In this talk, I will consider the portrayal of Simón Radowitzky, convicted of murdering the Argentine police chief Ramón Falcón, in Agustín Comotto's graphic novel Prisoner 155: Simón Radowitzky (2018). As the novel plays with memory through a series of flashbacks and flashforwards, through the disjointedness of cells and watercolor, Comotto's work itself — thoroughly researched in Argentine and Leftist archives — (re)produces the legend of Radowitzky as an act of memory. Comotto traces Radowitzky's immense popularity and brutal repression along the same lines of identity that many Leftist and labor historians (Bayer, Marti, Moya) address: Radowitzky's nation of birth (Russia/Ukraine), his ethnicity (Jewish), and his political affiliation (anarchist). These three categories overlapped discursively in early 20th century Buenos Aires, such that "ruso" (Russian) became a synonym for "Jew" and "anarchist" (Edwards), coalescing anxiously in the figure of Radowitzky as the ultimate threat to the nascent, culturally and

racially cohesive, Argentine nation. Yet Comotto also imagines an infrequently discussed aspect of Radowitzky's life: his (hetero)sexuality. Further, Comotto ties Radowitzky's sexuality directly to his political motivations, which leads me to ask, what work does this performance or pose (Molloy) of heterosexuality do to the memory of Radowitzky? Given the "sexual deviancy" associated with immigrants, Jews, and anarchists (Salessi), how does Comotto's imagining redeem or make legible Radowitzky's motivations? What kind of queer, affective, non-national bonds remain unimagined and unintelligible?

Rebecca Rubenstein (they/ele/ela) is a PhD Candidate in Hispanic Studies at Emory University. They earned their B.A. in both Hispanic Literature and Culture and Feminist, Gender, and Sexuality Studies at Wesleyan University. Their dissertation investigates queer memory of radical historical figures in contemporary cultural productions in Chile, Argentina, and Brazil. Working at the intersection of queer theory, memory studies, and cultural studies, they ask how memory of radicalism might inform contemporary radical acts. This year, they published their article, "Eco-defensa cuir: cuerpos y temporalidades disidentes en una zona de sacrificio" (Queer Eco-Defense: Dissident Bodies and Temporalities in a Sacrifice Zone) in the peer-reviewed journal Ámbitos Feministas. This semester Rebecca is teaching two courses: Stories of Health and Healing at Emory, and Critical Thinking and Writing at the Atlanta Federal Corrections Institute.

Camp, Aesthetics, and Queer Identity in Evelyn Waugh's and Nancy Mitford's Intermodernist Fiction

Catarina Anjos (CETAPS - Univ. Porto)

This paper investigates how Evelyn Waugh and Nancy Mitford construct queer subjectivity and aesthetic resistance in their interwar and postwar prose. Operating within a mid-twentieth-century British landscape shaped by legal prohibition and strict moral surveillance (where the Criminal Law Amendment Act 1885 remained in force until the landmark Wolfenden Report of 1957), both novelists secured widespread public acclaim while integrating counter-normative desires into their fiction. Drawing upon the theoretical frameworks of Eve Kosofsky Sedgwick and Judith Butler, including the homosocial-homosexual continuum and the heterosexual matrix, alongside Susan Sontag's conceptualisation of "camp" as a "solvent of morality", this study re-evaluates ***Waugh's Brideshead Revisited*** (1945) and Mitford's ***Love in a Cold Climate*** (1949) to explore the nuanced realities of mid-century queer experience. Instead of adhering to rigid paradigms of total silence or explicit defiance, Waugh and Mitford employed complex formal tactics to sidestep social and legal taboos. Moving beyond the conventional literary mandates of their era, which typically reduced non-conforming figures to caricatures or tragic casualties, Waugh crafts idyllic, aestheticised spaces that temporarily destabilise homosocial structures, even as these spaces eventually yield to Catholic tenets and nostalgic isolation. By contrast, Mitford leverages the theatrical, disruptive force of the "camp" outsider to destabilise heteronormative conventions from within. Her narrative framework actively rejects mandatory tragic outcomes, instead opening up sustainable avenues for alternative relationships and domestic arrangements. Ultimately, this comparative reading highlights the vital role intermodernist fiction played as an ideological sanctuary for complex sexualities during a restrictive era.

Catarina Anjos holds a PhD in Literary, Cultural and Interartistic Studies from the Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto (FLUP). Her doctoral research focused on Late Modernist British fiction, examining the works of Evelyn Waugh, Henry Green, Nancy Mitford, and Anthony Powell. Her doctoral studies were funded by a scholarship awarded by the Portuguese Foundation for Science and Technology (FCT) for the research project ***From Glitter to Dust: The Bright Young People and Late Modernist Fiction*** in England. She also holds a BA in Languages, Literatures and Cultures and an MA in Anglo-American Studies from the same institution. She is a collaborator at the Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies (CETAPS), where she is affiliated with the research strand From Classicism to Victorianism. She is also a member of the Portuguese Association for Anglo-American Studies (APEAA). Her research interests focus primarily on nineteenth- and twentieth-century British literature, particularly Late Modernism and Victorian fiction. She is interested in the intersections between literature, cultural history and the representation of the past, as well as in the forms and functions of satire and comedy in literary works. Her broader research interests also include memory studies and the ways in which literary texts engage with questions of cultural identity, historical consciousness, and the relationship between past and present.

Notes (and footnotes) on Ocean Vuong's poetry: in the closet of the page, of tradition and of the nation

Tomás Moreira (Univ. Porto)

Eve Sedgwick, in ***Epistemology of the Closet***, developed the concept of the "closet" not only thinking in what it conceals, but especially thinking in the power relations that it reveals (1990: 3). The tension between the visible and the invisible provides a necessary perspective to understand the presence of homoerotic intimacy in Ocean Vuong's ***Night Sky With Exit Wounds*** (2016) and the conditions under which it becomes possible. Other dichotomies such as light/darkness or center/margins complement that of the visible/invisible, which appear in the poetic language used and even in the page or in its intertextual dimension. Thus, Queer becomes a productive tool to analyse, though a selected group of poems, the social relations that condition gay experience as well as the hierarchical relationships within the literary system.

Tomás Moreira has a bachelor's degree in Languages, Literatures and Cultures (2025) from the Faculty of Arts and Humanities at the University of Porto. Currently, he is doing his Master's Degree in Literary, Cultural and Interart Studies in the same institution and is writing a thesis about the literary work of Manuel António Pina. He was the president of NELLC, the representative association of students in Languages, Literatures and Cultures, during the academic year of 2024/2025, where he helped to organise a series of conferences under the theme «Contemporaneity: Discovery and Disquiet».

Queertifada: Desire amidst Ruins and Resistance
Moncho Iglesias Míguez (Univ. Vigo)

Palestine is a cradle of oral traditions that nurtures a distinctive literature, whether whispered or shouted, demonstrating the power of love over every form of oppression. From the primordial paradise to the complexities of the present, desire remains a central theme in narratives that evoke sexual awakening, sometimes obscured by socially imposed dynamics, sometimes veiled in literary devices, yet always present in collective memory. This paper explores the margins of queer literature and homosexuality in Palestinian writing, presenting them as a weapon perpetually loaded with poetry and resistance. Following a chronological and thematic trajectory, it examines how non-hegemonic bodies and identities challenge both internal conservatism and the external dehumanisation wrought by occupation. In Palestinian literature, desire is more than an aesthetic element; it constitutes a political act of asserting identity and survival. As Randa Jarrar makes clear in her works, which explore the world from the perspective of queer, Arab, fat women whose desires and pleasures inhabit dissident bodies, literature serves to reclaim sovereignty over a body subjected to control and rendered invisible. Alongside Jarrar, voices such as those of Tareq Bakoni, George Abraham, Hannah Moushabeck and Zaina Arafat affirm the importance today of emotional bonds and embraces that break with traditional norms and taboos amid institutionalised violence. Finally, this paper presents a selection of poems, essays, novels, short stories and legends that make up the homosexual tradition in Palestinian literature, a cradle of love and freedom that remains indestructible whenever it flourishes through art.

Moncho Iglesias Míguez is a specialist in Oral Tradition. He is currently working on his PhD thesis in Galician Philology at the University of Vigo, focusing on a comparative literary study of Palestinian and Galician folktales. In this field, he is the author of the essay “Animal Tales in Palestinian Oral Tradition” (2008) and has delivered several talks on the subject. His most recent presentation, “Guardians of Memory: Oral Storytelling and Cultural Resistance in Palestinian Literature”, was given at the 33rd Annual Symposium of the Spanish Society for Arab Studies, held in Badajoz, Spain, on 17 October. As an analyst, he is an associate researcher at IGADI (Galician Institute of International Analysis and Documentation), where he writes articles and in-depth analyses, primarily focusing on the Middle East. He also contributes to the press, including the newspaper ***Praza Pública*** and the magazine ***Tempos Novos***. In recognition of this work, he received the 15th Johán Carballeira Journalism Award for his article “North Korea: Life on the Other Side”. As a writer and translator, he has translated 48 poems by Mahmoud Darwish into Galician, published as Identity Card, as well as the anthology The Olive Trees Will Be Born. He has also contributed to the translation of the songs of Martin Codax into Hebrew and Arabic. Similarly, he has translated works by major Middle Eastern authors into Galician, including Etgar Keret’s The Bus Driver Who Wanted to Be God and Missing Kissinger, Randa Jarrar’s A Map of Home, and Ahmed Masoud’s Vanished. As an educator, he has taught in Palestine, at Bethlehem University and An-Najah National University in Nablus, as well as in China and Bangladesh. He currently teaches at secondary-school level in Galicia.

Conversa Plenária | Plenary Conversation

Conversation with Lee Edelman (Tufts Univ.)
"Queer and Nothing: *Bad Education* and the Contemporary World"

Taking ***Bad Education: Why Queer Theory Teaches Us Nothing*** as its point of departure, this conversation with Lee Edelman will revisit key moments in his intellectual trajectory, tracing how many of the questions developed in his most recent work were already taking shape across earlier books and essays. Moving between queer and literary theory, the discussion will explore the enduring relationship between queerness and nothingness that animates Edelman's thought, while reflecting on the distinctive and often controversial position his work occupies within the field of queer theory. The conversation will also explore how this relationship might offer a distinctive perspective on some of the constitutive assumptions of contemporary social and political life.

Lee Edelman, the Fletcher Professor of English Literature at Tufts University, has published widely in the areas of film, literature, sexuality studies, and critical theory. He is the author of ***Transmemberment of Song: Hart Crane's Anatomies of Rhetoric and Desire*** (1987), ***Homographesis: Essays in Gay Literary and Cultural Theory*** (1994), ***No Future: Queer Theory and the Death Drive*** (2004), ***L'impossible homosexuel: Huit essais de théorie queer*** (2013), ***Sex, or the Unbearable, with Lauren Berlant*** (2014), and ***Bad Education: Why Queer Theory Teaches Us Nothing*** (2023), which was awarded Honorable Mention for the 2024 James Russell Lowell Prize of the Modern Language Association for outstanding scholarly book. His writings, which have been translated into French, Spanish, German, Italian, Russian, Japanese, Swedish, Turkish, Hebrew, Dutch, Portuguese, and Macedonian, have been influential both inside and outside the academy, serving as the basis, among other things, for work by lesbian punk bands, avant-garde film-makers, painters, and performance artists. He was a founding editor, along with Lauren Berlant, of the Duke University Press book series, Theory Q, which he continues to co-edit with Benjamin Kahan and Christina Sharpe. In addition to the Honorable Mention for the James Russell Lowell Prize, his teaching and scholarship have been recognized by the MLA's 1989 Crompton-Knoll Award, the 1989 Liebner Award for Distinguished Teaching and Advising, the 1998 Tufts Distinguished Scholar Award, and the 2006 Lerman-Neubauer Prize for Outstanding Teaching and Advising. He serves on the Advisory Board of differences: a Journal of Feminist Cultural Studies and has served, in the past, on the boards of American Literature and Signs: A Journal of Women in Culture and Society.

Painel 11 — Políticas de Cuidado II: Corporalidades

Bichos-criaturas: Corporalidades políticas e relacionais no espaço público urbano

Vanessa Marcos & Sara Jorge (TREE Collective Change / PELE Associação Social e Cultural)

O espaço público urbano movimenta fluxos, temporalidades e corpos que carregam "cargas" sociais, emocionais, físicas e simbólicas, refletindo um território de tensões e disputa. Estas "cargas" sustentam a sociedade patriarcal, racista e capitalista (Vergès, 2023), pelo que importa questionar quem habita o espaço público?
Sob a premissa "Quanto espaço, físico e simbólico, ocupam as mulheres nas cidades?", o Laboratório Local do Porto (LLP) do projeto "TransFemina: Intersectional Landscapes", promovido pela PELE – Associação Social e Cultural, Collettivo Amigdala e Col-lectiu Punt 6, envolveu ativamente 12 mulheres, dos 28 aos 79 anos, de diferentes nacionalidades e origens étnico-raciais, residentes ou com atividade profissional na área metropolitana do Porto, no mapeamento de vivências, ausências e invisibilidades nos seus percursos quotidianos. Esta comunicação parte dos poemas "Elas, Somos" e "Sou Bicho" escritos a partir da observação crítica das sessões do LLP, concretamente das memórias corporais, representações, códigos e posicionamentos inscritos nas cartografias construídas e nas intervenções artísticas no espaço público. As cartografias sociais constituem instrumentos de produção contra-hegemónica (Moreano & Arrazola, 2023), "torna[ndo] visível a corpografia urbana" (Leirias, 2024, p.114) das habitantes do LLP. A sua representação em bichos-criaturas permitiu reconhecer as "cargas" dos seus caminhares diários e deslocar o seu corpo-bicho de identidades socialmente construídas e dominantes (Marcos, 2025), inscrevendo a diversidade corporal no espaço público urbano. Esta comunicação pretende problematizar os corpos ausentes e marginalizados, e os respetivos processos de exclusão e segregação socio-espacial, ancorados em sistemas de opressão e dominação que invisibilizam existências e narrativas feministas na cidade do Porto. Sustenta-se nos feminismos de política decolonial (Vergès, 2023; Curiel, 2021; Nobre & Moreno, 2020) e na proposta de "ecologia-do-mundo" que assume uma ontologia relacional entre a pluralidade humana e não humana (Ferdinand, 2026), convocando-nos a imaginar novas formas de habitar o espaço público assumindo o cuidado como epistemologia (Ifaobanla, 2025).

Vanessa Marcos tem estado envolvida na conceção, gestão e avaliação de projetos em Cooperação para o Desenvolvimento, Educação para o Desenvolvimento e a Cidadania Global e em Direitos Humanos, promovidos por ONGs em Portugal e noutros países. Como membro da equipa TREE-Collective Change, facilita processos de aprendizagem nas áreas da participação social e comunitária, ecofeminismo, género, deficiência e metodologias participativas, construindo colaborativamente recursos educativos. Foi observadora crítica no Laboratório Local do Porto, no âmbito do projeto europeu TransFemina – Intersectional Landscapes, promovido pela PELE – Associação Social e Cultural. É docente nos módulos "Cooperação Internacional: Atores, Políticas e Movimentos Decoloniais no Desenvolvimento Global" e "Género e Desenvolvimento: Abordagens, Representações e Práticas Políticas" da Pós-Graduação em Cooperação Internacional e gestão de ONGD (UCP Porto), onde integra também a coordenação científica, no módulo "Conceção e Gestão de projetos de

Direitos Humanos" da Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos" (UCP Porto) e no módulo "Génese e Evolução da Cooperação Internacional para o Desenvolvimento" da Pós-Graduação em "Gestão de Projetos de Cooperação para o Desenvolvimento" (UCP Lisboa). No âmbito da sua colaboração com a Área Transversal da Economia Social (ATES/ UCP Porto) é, também, co-coordenadora do projeto "Transparência nas OES portuguesas" (2019 – 2027) e consultora nas áreas de planeamento estratégico, avaliação e Economia social e solidária. É doutorada em Sociologia (U. Porto), com mestrado em Desenvolvimento e Relações Internacionais (U. Aalborg, Dinamarca) e licenciatura em Relações Internacionais – ramo Cultural e Político (U. Minho). Possui os cursos de especialização em Autoria no Cinema Documental promovidos pela Universidade Autónoma de Barcelona (Espanha).

Sara Jorge é licenciada em Design de Comunicação pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (2017). No seguimento do seu interesse pela vertente de gestão e produção de projetos artísticos e culturais, frequentou a Pós-Graduação em Gestão das Indústrias Criativas pela Escola de Artes da Universidade Católica Portuguesa do Porto (2020) e também um curso independente de Planeamento e Produção em Eventos Culturais, pela Academia Gerador (2018). Ao longo do seu percurso profissional, tem cruzado as áreas da gestão de projetos, produção e comunicação em contextos locais, nacionais e europeus. Enquanto designer, colaborou com agentes culturais na exploração e desenvolvimento de identidades visuais, design editorial e materiais de comunicação para festivais, eventos e publicações no âmbito das artes e da cultura. Acompanhou iniciativas nos domínios das Artes, Tecnologia e Ciência, em processos de criação, artiulação entre equipas e parceiros e desenvolvimento estratégico; passou pela CRL – Central Elétrica enquanto responsável pela comunicação. Desenvolveu ainda trabalho independente nas áreas da produção de conteúdos e eventos, comunicação e acompanhamento de projetos, colaborando com estruturas como Portugal Manual e The Inventors. Desde 2023, integra a PELE – Associação Social e Cultural, onde trabalha na gestão de projetos e no apoio à gestão financeira e onde fez parte da coordenação do projeto europeu TransFemina – Intersectional Landscapes.

On queer care and the construction of alternative temporalities: attempts at research in solidarity with Palestine

Ema Gonçalves (CICS.NOVA)

This communication stems from my ongoing PhD research on queer care practices in Palestine and their connection to the production of alternative temporalities. Combining visual ethnography, Relief Maps, and decolonial, feminist, queer and collaborative methodologies, the project situates care simultaneously as a theory, method and praxis, intertwining it with collective resistance, solidarity and mutual aid and their reconfiguration under occupation and genocide. It also interrogates the institutionalized manufactured tension between academic legitimacy and academic praxis, while envisioning alternative future(s) grounded in liberation and radical hope.
Building on ongoing ethnographic fieldwork with queer Palestinian activists (May 2024, October 2025, October 2026-), this research explores queer-feminist solidarity as a form of decolonial praxis that challenges the dominant narratives surrounding Palestine. It traces how translocal networks of resistance mobilize radical care, art, and collective knowledge

production against settler colonialism, pinkwashing, and neoliberal co-optation, while creating non-linear temporalities of care, solidarity and hope. Conscious of ontological and epistemological responsibilities, methodological implications take a center stage, with a strong focus on collaborative and visual approaches such as zinemaking, analogue photography, documentary filmmaking, and collective mapping, as both research tools and political practices. In doing so, the PhD project attempts to use the material visual world to help visualize, and imagine, liberated futures, challenging extractive knowledge production and functioning as forms of epistemic resistance that assert the right to narrate, remember, and imagine otherwise(s), reclaiming what hooks (1989) calls the margin as radical openness.

Ema Gonçalves (she/her) is a PhD candidate in Gender Studies, with a FCT scholarship between CICS.NOVA at NOVA University of Lisbon and the Institute of Women's Studies at Birzeit University in Palestine. Her research explores the intersection of liberatory struggles through a queer care lens, and their understanding as spatial and temporally situated. Growing from attempts at decolonial, queer and collective methodologies, visual methods are combined in order to help to better materialize the imagination of alternative futures and decenter academic knowledge.

A assistência sexual como ferramenta para identidades plenas
Catarina Vitorino & Ana Pinho (Univ. Coimbra e Univ. Porto)

Esta comunicação explora as interseções entre deficiência, queerness, intimidade e cidadania sexual, interrogando os modos como o capacitismo, a acessibilidade e as normas sociais relativas aos corpos e ao desejo condicionam as possibilidades de conexão, prazer e expressão sexual de pessoas com deficiência. Partindo de uma perspetiva interseccional, propõe-se pensar a deficiência, não apenas como uma categoria de exclusão, mas também como um lugar a partir do qual as normas sobre corporalidade, funcionalidade, sexualidade e intimidade podem ser questionadas. Apesar da crescente visibilidade das questões LGBTQIA+, os corpos com deficiência permanecem frequentemente ausentes dos espaços, discursos e agendas queer. Esta invisibilidade produz uma comunidade duplamente marginalizada, na qual o capacitismo se articula com a cis-heteronormatividade, contribuindo para processos de dessexualização, infantilização, fetichização e exclusão. A acessibilidade surge, assim, como uma questão sexual: quem pode participar em espaços sociais e de encontro? Quem pode estabelecer relações, ser desejado, imaginar intimidade e exercer cidadania sexual? A partir do diálogo entre estudos crip, queer e perspetivas críticas sobre sexualidade, a comunicação discute de que modo as experiências de pessoas com deficiência podem desafiar a ideia de um corpo sexual "normal", dissociando sexualidade de funcionalidade e ampliando as possibilidades de intimidade, desejo, consentimento e autonomia. Neste contexto, são exploradas as alianças crip-queer e o potencial da assistência sexual enquanto prática situada na interseção entre cuidado, autonomia, desejo e acesso ao próprio corpo. São discutidos, em particular, os modelos auto-erótico e erótico de assistência sexual, considerando as suas implicações para a construção de identidades e experiências sexuais mais diversas. Mais do que simplesmente reivindicar direitos sexuais, esta comunicação propõe pensar as condições materiais, sociais e relacionais necessárias para que esses direitos possam ser efetivamente exercidos.

Ana Rocha Pinho é doutoranda no Programa Doutoral em Sexualidade Humana da Universidade do Porto e bolseira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) com o projeto "Saúde sexual de pessoas com deficiência: o direito à assistência sexual". Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde pela mesma universidade, foi investigadora do projeto "Assistência sexual: Representações sociais e recomendações de políticas públicas". Com experiência prévia em psicologia comunitária e publicações em revistas científicas, os seus interesses de investigação centram-se nos estudos de género, na assistência sexual e em sexualidades de pessoas com deficiência/diversidade funcional. A sua prática e produção científica fundamentam-se numa abordagem crítica, afirmativa e feminista.

Catarina Vitorino é psicóloga clínica, doutorada em Psicologia Clínica e da Saúde pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Atualmente é membro colaborador do Centro de Investigação em Neuropsicologia e Intervenção Cognitivo-Comportamental na mesma instituição. Tem como principais interesses científicos as Terapias Cognitivo-Comportamentais, processos de adaptação a diferentes contextos de adversidade, Estudos da Deficiência sob uma perspetiva emancipatória e interseccional. Define-se como ativista anticapacitista, feminista e interseccional. Tem experiência enquanto formadora e consultora em temas relacionados com deficiência, direitos humanos, sexualidade, vida independente e capacitismo. Neste momento, é membro da Direção da Associação Centro de Vida Independente e co-coordenadora da Delegação de Coimbra da mesma Associação e co-fundadora do Coletivo Feminista As DEsaFiantes. É vice-presidente da Direção jovem da Rede Europeia para a Vida Independente (ENIL Youth Board) e tem estado em constante articulação com outros movimentos sociais, a nível nacional.

Presença sem Poder? Interseccionalidade e Governação Climática no Brasil, Chile, França, Portugal e Suécia

Barbara Franco e Joana Pereira (Univ. Porto)

A sub-representação das mulheres nos espaços de decisão política permanece um desafio central da Política. Embora a adoção de quotas e o aumento da representação descritiva (descriptive representation) tenham ampliado a presença feminina, a paridade formal não eliminou as dinâmicas estruturais de exclusão nem garantiu uma correspondente representação substantiva. Mobilizando os contributos da Ecologia Política Feminista e da Teoria da Interseccionalidade, esta investigação analisa a discrepância entre presença numérica e exercício efetivo do poder na governação climática e ambiental. Argumenta-se que a crescente tecnocratização e o enquadramento pós-político da crise ecológica (post-political condition) reforçam formas de autoridade masculinamente codificadas. A investigação desenvolve uma análise empírica comparativa da distribuição do poder institucional nos ministérios e nas comissões parlamentares com competências nas áreas do ambiente, energia e ação climática em cinco países: Brasil, Chile, França, Portugal e Suécia. A abordagem interseccional orienta a operacionalização das dimensões analíticas, permitindo examinar de que modo género, classe e processos de racialização se articulam no acesso a posições de autoridade e influência. Os resultados apontam para uma persistente dissociação entre representação descritiva e acesso aos espaços estratégicos de decisão. Nos países analisados do Norte Global, a elevada paridade descritiva coexiste com uma presença mais limitada das mulheres em posições de maior

autoridade, nomeadamente na transição energética e na governação económica do clima. Nos países analisados do Sul Global, a participação institucional das mulheres articula-se com desigualdades socioambientais e dinâmicas extrativistas. A análise sugere que a paridade descritiva pode funcionar como legitimação simbólica da igualdade sem produzir uma redistribuição substantiva do poder. Conclui-se que uma abordagem interseccional é essencial para compreender quais mulheres acedem ao poder, em que posições e com que capacidade efetiva de influência.

Bárbara Carvalho Franco é mestranda em História, Relações Internacionais e Cooperação (especialização em Estudos Políticos), na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). É mestre em Psicologia Clínica e da Saúde e licenciada em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), tendo realizado um período de mobilidade académica na Università degli Studi di Milano-Bicocca. O seu percurso académico e científico caracteriza-se por uma abordagem interdisciplinar, que articula a ciência política, a economia política e a psicologia social e política. A sua investigação centra-se na análise crítica das desigualdades institucionais, socioeconómicas, representativas e de género, com particular atenção aos mecanismos que moldam as perceções públicas, as dinâmicas de polarização política e os processos de representação e governação democrática. Entre os seus principais interesses de investigação destacam-se os enviesamentos cognitivos na perceção dos direitos universais, a polarização afetiva e a atribuição de responsabilidade partidária, a representação política numa perspetiva interseccional, a governação climática e as relações de poder e soberania no contexto europeu. Tem também desenvolvido trabalho de investigação sobre a representação política de grupos socialmente marginalizados, nomeadamente através de uma análise comparativa dos efeitos das quotas de género nos contextos institucionais e políticos de diferentes países. No plano metodológico, privilegia a análise empírica de políticas públicas, recorrendo a desenhos experimentais e a metodologias comparativas que articulam dados quantitativos, fontes normativas e análise documental. Através do seu trabalho, procura contribuir para uma compreensão aprofundada dos mecanismos de reprodução das desigualdades e para o debate académico sobre justiça distributiva, representação política e qualidade democrática.

Painel 12 — The Infinite Queer Possibilities of Literature

'...Here is the hub of ambiguity': Samuel R. Delany and the infinite permutations of the techno-sexual body
António Pedro Marques (ILCML - Univ. Porto)

In a vast and plural body of work ranging from fantasy to pornography, from criticism to memoir, or from the historical-academic novel to the sf short story, Samuel R. Delany often uses science fiction settings and conventions to advance radically different ways of transforming, thinking, inhabiting and queering one's body and sexuality, always interwoven with questions of race, slavery, imperialism and colonialism. Coupled with his far reaching influence, these aspects make him both a forerunner or even inventor of Afrofuturism and a writer of "fictions (...) generative of a queer theory avant la lettre" (Ngyongó 2018). In this communication, I intend to explore how specific technologically enabled body transformations featured in two of his fictions – Babel-17 and the short story "Aye, and Gomorrah..." –, far from serving as fortuitous and more or less spectacular plot elements, work as carriers for a complex and multilayered fiction-as-theory that amounts, I argue, to an important chapter in queer thought in general, while assuming a central function in the workings of the stories and also elaborating an idiosyncratic posthumanist thought. The analysis is informed by queer theorists and Delany's readers alike, and also by some of the author's extensive critical and theoretical writings. Finally, I briefly compare the previous findings with some aspects of his unruly, extreme pornographic works ***The Mad Man*** and ***Hogg***, stressing Delany's multifaceted and ambiguous exploration of gender, sexuality and violence.

António Pedro Marques is a PhD student in Literary, Cultural and Interartistic Studies (Faculdade de Letras da Universidade do Porto) developing a thesis around the concept of the "enemy" in Herberto Helder and Sean Bonney's poetry, and supervised by Professors Rui Carvalho Homem (CETAPS/FLUP) and Pedro Eiras (ILCML/FLUP). As a graduate student he is a collaborating researcher at Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. In 2026, he joined the FCT Exploratory Project ***Extraterrestrial Posthumanism – The Search for Alien Life in Astrobiology, Science-Fiction and Art***. His research interests are thus divided between Portuguese and English poetry and science fiction, with a focus, regarding the latter, on astrobiology, posthumanism and the limits of knowledge.

Re-addressing the medium: Adrienne Rich and the American Bard through the lens of Simone de Beauvoir's *Second Sex*
André Osório (Univ. Lisboa)

Parallels are conventionally established between Adrienne Rich's poetry and Walt Whitman's, for both are worried about questions of representation throughout their mature body of work. However, in my understanding, their lyrical regard of "otherness", and of democracy, is oppositional. Whilst in Whitman's case a Hegelian idea seems to posit itself through lyric's own history as genre with the paradoxical bearings of individualism, in Rich's poetry the "I" interacts with "otherness" as a difference within the self, between itself and its

Furthermore, the inherent characteristics of lyrical poetry – that of being spoken by an "I" and addressed to a "you" – seem to naturalize that "you" as what Simone de Beauvoir calls, in ***The Second Sex***, an absolute "Other" that exists only in an unbalanced relation to the totality of the poetic "I", thus "Translucent mold of me it shall be you!", as Whitman writes (***Leaves of Grass and Other Writings***, 47). What is at stake here is how, on the other hand, Adrienne Rich's lyrical utterance retains the "I" as an dialectic instance of intersubjective intersections while retaining the "you" as a meeting point of both a silenced self and an openness to experience, to otherness (and its inclusion, not assimilation), for poetic and political conscience, self and world, insideness and outsideness, intermingle to bring forth transformation from their relation. As Adrienne Rich writes: "in you I seek both difference and identity" (***On Lies, Secrets, and Silence***, 310).

André Osório was born in 1998. He is a PhD candidate in Literary Theory at the University of Lisbon, where his doctoral dissertation focuses on the poetry of Adrienne Rich. His poetry has been published in several literary journals and poetry anthologies, including the Lusophone anthology ***A Boca no Ouvido de Alguém*** (2023) and the Mediterranean anthology ***Voix Vives*** (2025). He is co-founder of the literary journal ***Lote***. He published his first poetry collection, ***Observação da Gravidade*** (Guerra e Paz, 2020), which was shortlisted for the Glória de Sant'Anna Literary Award (2021) and reached the semi-final of the Oceanos Prize (2021). In 2022, he was awarded the DGLAB Literary Creation Grant, which led to the publication of his second poetry collection, ***Sala de Operações*** (2024).

'you'll find/ a poet here': wrestling motherhood and agency in Contemporary American poetry
Beatriz Simões (Univ. Porto)

I propose a reading of Plath and di Prima to explore the concept of womanhood and all its complexities, and as beginnings in the deconstruction of motherhood as a white, cisgender and compulsively heterosexual institution. Pointing out the thorny implications of the mystical discourses involved in the definition of womanhood and motherhood in alt-right and ultraconservative rhetoric, increasingly common online and culturally hegemonic, I will explore some of Adrienne Rich's critical works, such as ***Of Woman Born*** to enrich the theoretical framework of this work and establish a line of thought that links women's historical oppression with reproductive circumstances, without ever erasing related and intersected struggles, namely race, sexuality, religion, class. "Morning Song" by Sylvia Plath and a selection of Diane di Prima's writings will be analysed in how they explore these tensions, especially focusing on the negative material experience, namely dissociation and physical damage and changes and how this can actively impede the creative process. Finally, this perspective will be confronted with the possibility of interruption, inspired by Ramalho Santos, as literary fuel, with the example of "Visitações, ou poema que se diz manso" by Ana Luísa Amaral and Alice Walker's "A Writer Because of, Not in Spite of, Her Children".

Beatriz Simões is currently enrolled in the MA in Anglo-American Studies at the Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto, writing a dissertation on Mark Twain and Shakespeare, and a member of the Master's Monitoring Committee. She previously

"The Queer Possibilities of a Bone"
Ana Bessa Carvalho (Univ. Minho)

Taking Prudence Bussey-Chamberlain's novel ***Bone Horn*** (2025) as a starting point, this paper proposes a reflection on how queer history, particularly concerning queer women, has been remembered, forgotten, and misremembered. Bussey-Chamberlain's novel revolves around a private investigator who is given the task of tracing Alice B. Toklas's horn in order to determine whether the rumor — started by Pablo Picasso himself — that the writer had a protuberance on her hand was indeed true. While comical in tone and possessing an unexpected premise, the book offers a serious critique of the demonization of queer individuals socially marked as "different," as well as who gets to write and rewrite queer history. Moreover, the book candidly addresses the difficulty of articulating motherhood and literary creation, as well as the act of writing as collaboration (and/or appropriation) when examining Stein and Toklas's relationship. Taking the symbol of the horn and framing it as a fossil, this paper also considers how queer theory and historiography, particularly through a renewed "archive fever" (Derrida), have been concerned with uncovering and unearthing a queer past. This past stretches into the future to create a broader, more encompassing genealogy of queerness and a literary inheritance in which stories like those of Stein and Toklas survive the passage of time, are erased, or, in Bussey-Chamberlain's novel, retold.

Ana Bessa Carvalho is an Assistant Professor at the University of Minho, where she completed a PhD in Comparative Literature and Queer Studies, examining contemporary visual and literary representations of queer kinship. Her poetry collection ***Massa Mãe*** was published in 2026.

Mesa-redonda sobre escrita | Writers' Roundtable

Mesa-Redonda com Andreia C. Faria & ~~miguel~~ bonneville
"Feminismo e Queer: que desafios para a linguagem literária?"

Há já quase vinte anos que podemos ler os livros das duas pessoas portuenses que se juntam pela primeira vez nesta mesa redonda: Andreia C. Faria (1984) publicou, entre outros, «Tão bela como qualquer rapaz» compilado em ***Alegria para o fim do mundo*** (Porto Editora, 2019), ***Canina*** (Tinta-da-china, 2022) e ***Aposto tudo numa elegância ferida*** (Companhia das Letras, 2026); miguel bonneville (1985) publicou, entre outros, ***livro do daniel*** (Urutau, 2024), «notas de um primata suicida» compilado em ***a importância de ser*** (Teatro Praga / Sistema Solar, 2025) e ***o ano que os gafanhotos comeram*** (VS, 2026). Como pode a sua linguagem literária deslocar ou desafiar as normas de género e sexualidade, que regulam os corpos, a espiritualidade e os vínculos sociais? Que possibilidades de criação e resistência se abrem quando pensamos a escrita (de si e dos seus textos) a partir de perspectivas feministas e queer? A moderação da conversa está a cargo de Paulo Brás (1989), livreiro na Livraria aberta e organizador de grupos de leitura e discussão sobre referências LGBTQ da literatura portuguesa.

Andreia C. Faria nasceu no Porto, em 1984. Publicou ***Flúor*** (Textura Edições, 2013), ***Um pouco acima do lugar onde melhor se escuta o coração*** (Edições Artefacto, 2015) e ***Tão bela como qualquer rapaz*** (Língua Morta, 2017, Prémio SPA Poesia 2018). Em 2019 publicou ***Alegria para***

o fim do mundo (Porto Editora, Prémio Literário Fundação Inês de Castro 2019), volume que reúne todos os livros anteriores. Em 2020 publicou o conjunto de prosas ***Clavicórdio*** (Língua Morta), em 2022 ***Canina*** (Tinta da China, Prémio PEN Clube e Prémio Correntes D'Escritas) e em 2024 ***Canto do Aumento*** (Sr. Teste). Mais recentemente, publicou ***Aposto Tudo Numa Elegância Ferida*** (Companhia das Letras, 2026).

~~miguel~~ bonneville é artista transdisciplinar cuja prática cruza performance, escrita e artes visuais. O seu trabalho estrutura-se em ciclos e projectos de longa duração, articulando investigação conceptual, experimentação formal e uma forte dimensão auto-reflexiva. Em 2025, foi distinguido com o Prémio Literário VS – Ernesto Sampaio pelo livro 'O Ano Que os Gafanhotos Comeram' e com a Bolsa de Criação Literária Eça de Queiroz. Entre as suas publicações contam-se 'Ensaios de santidade' (Sr. Teste, 2021), 'O pessoal é político' (Douda Correria, 2021), 'Livro do Daniel e outros textos' (Urutau, 2024) e 'A importância de ser – Antologia' (Sistema Solar, 2025).